

A ESCOLA PRIMARIA

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção: RUA 7 DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURA

Para o Brasil — um anno..... 10\$000

SUMMARIO

—	Um homem	Alba C. Nascimento.....	Ensaio de Pedagogia Philosophica.
—	Dr. Silva Pereira	Prof. M. Bomfim.....	Os tests no ensino primario
Sebastiana Figueiredo.....	Dever de humanidade	Sebastiana Figueiredo.....	Problemas sob typo
Lucy.....	Carta a uma joven professora que pinta os labios e a face.	Mestre-Escola.....	Tres Palavrinhas

LIÇÕES E EXERCÍCIOS

UM HOMEM

As mensagens presidenciaes são, de regra, documentos anodynos, em que pouca materia verdadeiramente util encontra o cidadão. Cifras que quasi nada dizem, palavreado fofo, aqui e all deixando transparecer mais o desejo de dissimular a verdade do que de divulgar-a. E, pois, uma hora feliz a do jornalista que se sente em consciencia impellido a chamar para um de taes documentos a attenção do povo, como nos acaba de succeder em relação á Mensagem apresentada pelo Presidente Dr. Mello Vianna ao Congresso Mineiro, ao abrir este a presente sessão ordinaria.

Não é dos moldes desta revista entrar na apreciação do aspecto politico dos administradores do paiz, o que temos sempre com grande cuidado e firme intenção evitado. Mas a exposição enviada pelo eminente director actual dos destinos da gloriosa terra mineira é de tal sorte aberrante das normas usuas, que não temos duvida em trazer para estas columnas imparciaes o testemunho de nossa particularissima admiração, não só pela obra exemplar do novel estadista, mas ainda pelo processo francamente democratico por que S. Ex. vem a publico dar contas dos actos de sua gestão, descendo até ás minucias. Deixamos propositadamente de lado os capitulos referentes á situação financeira, á previdencia, á divisão administrativa, aos limites interestadaes e intermunicipaes, á justiça, á assistencia publica, á hygiene, á ordem, ás obras publicas, á viação, ás industrias, onde muito haveria para respigar, pois que por todos os departamentos do serviço publico se percebe a força máscula, a energia admiravel do administrador experimentado e fadado aos maiores empreendimentos, para restringir os nossos commentarios tão só ao que se refere ao ensino. Minas pode orgulhar-se de ter tido pela primeira vez, na historia administrativa do Brasil, mensagem presidencial em que as questões relativas ao ensino do povo foram elevadas á categoria justa de preocupação fundamental do governo. Esta originalidade, este precedente, que pode daqui por diante ser tido como a mais legitima das glorias desta unidade da federación, que trazia a sanidade de alguns dos mais brilhantes batalhadores da campanha republicana e dos mais inflexiveis colaboradores da phase aurea do inicio de democracia nacional, não é um chavo de imprensa. Esta revista, que não transcreve em secção paga as mensagens dos governos, que não allega suas columnas para o entendimento dos politicos, tem autoridade para falar, concitando o povo a que admire a obra re-

almente extraordinaria do Sr. Mello Vianna. Praza aos céos que possa continuar a fazel-o, consignando a trajectoria brilhante deste novo sol da democracia.

A verdade é que, por mais bem intencionados que hajam sido, nunca, em tempo algum, os detentores do poder publico se espraíram explicando ao povo com taes minucias o que têm feito pela causa do ensino. Compulsando a mensagem, o leitor se convence de que as questões da illustração e da educação do povo foram afinal sobrepostas, como era de justiça, aos demais problemas. Nunca tão fartas informações, tão precisos dados foram expostos em mensagens governamentais. E não é só o volume de taes informes, mas a propria natureza delles, o que os torna notaveis.

«Ninguém pode orientar os destinos de um povo, diz o eminente estadista, se não consegue actuar efficazmente sobre a geração nova, instruindo-a, educando-a.» Eis a profissão de fé. Para mostrar então o que ha realizado no sentido dessa efficaz actuação, vae a mensagem, ponto por ponto, relatando a obra do Sr. Mello Vianna no ensino primario, no ensino normal, na reforma dos methodos e dos programmas, na obrigatoriedade do ensino, na assistencia dos alumnos pobres por meio das caixas escolares, no ensino complementar, no ensino secundario, no ensino artistico, na inspecção escolar, na inspecção technica, na inspecção medica, na assistencia dentaria. No ensino particular, no escotismo. Não ha capitulos particulares a realçar. É uma obra ingente, massica, sem falhas. Podemos dizer com alegria que surgiu finalmente em Minas o estadista da instrução popular e não temos duvida de que o futuro n s reservará ainda maiores testemunhos de que não mais havemos de invejar os Sarmientos, os Varelles e quantos fizeram repousar na educação do povo a gloria, a grandeza, o prestigio da nação.

Não podemos, é claro, neste artigo, alinhar todas as admiraveis realizações do eminente cidadão que vem dando a Minas e á nação inteira o exemplo do verdadeiro estadista republicano. A parte da mensagem referente ao ensino, julgamos em consciencia, merecer ser transcripta integralmente e divulgada com a maior largueza pelo paiz. É o que pretendemos fazer no proximo numero.

Ainda uma vez, portanto, aqui consignamos a nossa admiração e ultimo contentamento, enviando a Minas e ao Brasil em geral os nossos calorosos parabens.

I -- IDÉAS E FACTOS

DR. SILVA PEREIRA

Foi concedida pelo Sr. Prefeito, por acto de 1º de Julho do corrente, a jubilação ao inspector escolar Bacharel mais comitatus e acadêmico. Representa durante mais de trinta annos, Silva Pereira soube impôr-se pela grande dedicação, pelo enorme zelo com que sempre poz ao serviço da escola primaria as suas melhores energias. Os districtos que inspeccionou foram sempre notados pela harmonia, pela homogeneidade e pela sabia escolha do pessoal, escolha que, como se sabe, constitue talvez o maior serviço que se possa prestar ao ensino. O pessoal que com elle servia tinha-o como chefe exemplar e conhecedor não só das necessidades de cada escola, mas ainda do valor e das possibilidades de cada docente.

E', pois, com verdadeiro pezar que vemos afastar-se definitivamente do serviço funcionario que por tantos annos concorreu para a grandeza do ensino no Districto Federal. Bem merecido, contudo, o repouso que ora conquista após trinta e dois annos de trabalho ininterrupto e pondo de lado a falta que fará ao corpo de inspectores o conselho de sua preciosa e longa observação, só lamentamos que suas condições de saúde não lhe permittam fruir perfeitamente o ocio a que fez jus.

Companheiro dos primeiros dias desta revista, foi aqui redactor e depois presidente e a elle deve *A Escola Primaria* excellentes serviços que nunca serão esquecidos.

Consignando, pois, o acto da jubilação do antigo companheiro, fazemos votos, do fundo do coração para que elle encontre lenitivo aos incommodos de saúde que o affligem presentemente e possa ainda continuar por muito tempo a ser, fóra da actividade, o mesmo ardo-

roso defensor da causa do ensino que sempre se revelou na classe de que foi lustre.

Dever de humanidade

pouco respeito ás leis. Diversos dias antes, logo que se iniciaram os festejos de Santo Antonio, baixou o Sr. Prefeito uma circular em que mais uma vez prohibia os famosos balões de S. João. E não me lembro, Deus meu! de, em noite alguma, ver, no espaço, tantas, tantas luzes a correrem uma após outra, velozes, lentas, muito altas ou quasi a attingir o termino fatal de sua trajectoria, grandes umas, pequeninas outras, limpidas ou não, avermelhadas, amarelladas, em um só foco ou em diversos, multiplicando, com o numero de lanternas que transportavam, os damnos que poderiam causar.

Acho o facto excellente para uma lição de moral aos nossos alumnos.

Respeitar as leis é um dever de todos nós, e um dever para o qual nos cumpre chamar a attenção da criança de um modo especial; não concorrer para a desgraça de outrem é mais do que o cumprimento de um dever: é ser humano.

Chamemos a attenção das crianças para os numerosos incendios de mattas produzidos por gaz de balão. Emquanto a 21 de Setembro festejamos a arvore, plantando, cercando-a de todo carinho, rendendo-lhe homenagens, gratos pelos beneficios que nos presta, mezes depois permittimo-nos ser causa do exterminio de tantas outras?

E as pobres cabanas dos logarejos mais afastados, cobertas de sapê, cujos moradores — a modesta gente do campo, que labuta o dia todo para ganhar o pão — obrigamos a uma longa vigilia para zelar pela conservação da sua humilde choça?

E os riscos que corre todo um bairro,

A E

uma
expl
veis.
anno
diad
gazo
sentir
tiram
rios
esses
alheia
cham
prime
plac
feitas
facto
verda

ensin
com
uma
melu
imag
com
mate
cons
innu

sim,
que
um
educ

Car
qu

Mai
Instr
zad
arge
jove
seus

lind
Lia,
em
acre
te fo

senq
mas

uma população bastante numerosa, da explosão de um deposito de inflammáveis, o que poderia ter acontecido este anno, quando o gaz de um balão incendiado veio, infelizmente, sobre um dos gazometros da nossa linda cidade? Não sentiriam remorsos todos os que consentiram na ascensão de um desses emissarios ás nuvens, se os nossos bombeiros, esses heroicos defensores dos bens alheios, impossibilitados de vencer as chammas que lavravam já, fossem as primeiras victimas de uma tremenda explosão?

E isso sem fallar nos vidros partidos por pedradas, nos conflictos, nas depreciações de jardins publicos e particulares feitas pelos «apanhadores de balões», facto que se não daria se houvesse a verdadeira educação.

Não festejemos os balões; antes, ensinemos os nossos alumnos a olhal-os como portadores de desgraças. Vendo uma dessas encantadoras lanternas tremeluzir no alto, tenhamos presentes na imaginação os horrores de um incendio, com os sustos que causa, os prejuizos materiaes que produz, destruindo lares conseguidos quantas vezes á custa de innumerados sacrificios.

Conservemos as nossas tradições, sim, mas não essa. Trabalhando para que ella desapareça, teremos cumprido um dever perante a nossa missão de educadoras.

SEBASTIANA FIGUEIREDO.

Carta a uma joven professora que pinta os labios e a face

Minha S.

Li hoje, em o numero de 16 de Maio do corrente anno, da «Revista de Instruccion Primaria» — o bem organizado jornal dos nossos irmãos e amigos argentinos, uma carta escripta a uma joven professora que, em presença dos seus alumnos, pinta as faces e os labios.

Veio-me á lembrança o teu nome, linda e querida bonequinha de Sèvres. Lia, e o teu perfil se ia desenhando em minha imaginação, tão nítido que acreditava estar lendo uma carta que te fosse endereçada.

Dirás: «Mas não me pinto em presença dos alumnos...» Tens razão, mas... o effeito moral é quasi o mesmo.

Os alumnos procuram, principalmente quando estimam a professora, imital-a em tudo: seguem-lhe o modo de falar, de gesticular, acompanham-lhe as opiniões, e até a letra — a grande reveladora de caracteres — torna-se-lhes, com o tempo, igual á da mestra. E tu, muito meiga, muito gentil, muito menina e, ao mesmo tempo, preparada, energica, distincta, tendo, pois, todas as qualidades das optimas educadoras, és querida, muito querida pelas tuas discipulas que são, aliás, quasi do teu tamanho. Acham-te bonita e o desejam ser como tu. Pintas-te; pintam-se-ão tambem... E's vaidosa; selo-ão tanto ou mais que tu...

E já avaliaste os grandes inconvenientes da vaidade excessiva entre meninas pobres? Passam a pensar exclusivamente em vestidos e artificios e o tempo e o dinheiro não lhes chegam para estudos.

Não, minha querida, não reflectiste, estou certa, de que o dever da mestra é formar a menina simples, modesta, trabalhadora, que deverá ser amanhã a caprichosa dona de sua casa, empregando o tempo em cousas uteis e não o deixando correr ante o espelho, nas mil e uma futilidades do artificio; a doce e meiga mãezinha do futuro, toda desvelo pelos filhinhos e não samelhante á maioria das mães de hoje, prompta a exhibir a mascara que formar ou que lhe formarem ante a multidão que se acotela pelas calçadas da Avenida.

Não tens maldade no que fazes; segues, apenas, a moda; mas nem todas serão iguaes a ti. Um espirito fraco perde-se, muitas vezes, pela vaidade. E quantas das tuas alumnas, ansiosas por se transformarem numa dessas «melindrosas» que fatalmente encantam os olhos das crianças, estarão, amanhã, talvez, livres das observações e dos conselhos sensatos da terna mãezinha, inteiramente entregues ás suas inclinações?

A nossa missão é diversa. Chame-mos a atenção das nossas educandas para a verdadeira belleza, quando a encontrarmos despida de artificios; comparemos-a com as bellas mascaras que se nos depararem e chegaremos á conclusão de que estas são nada mais nada menos, do que arremedo, pretensão de belleza. E' ridiculo! Salientemos

a verdadeira formosura: a da alma. Convençamos as nossas pequenas companheiras por cujo futuro somos, em parte, responsáveis, de que esta lhe trará gozos muito maiores do que a belleza do rosto. Não inspirando, embora, paixões violentas, traz sentimento muito mais delicado, suave, divino: a felicidade — que se irradia sempre em torno dos bons.

Quanto a ti, minha formosa feitiçeira de 18 annos, como já tive occasião de dizer-te — és muito mais bella quando, recordando o tempo passado ha quatro annos, calças os teus sapatinhos de salto baixo e passas de leve a bonequinha de «rouge» pelas faces, deixando aos olhos o brilho natural que a tua mocidade lhes dá e aos labios a frescura do teu sorriso de menina.

Crê na sinceridade com que te fala a tua

LUCY

Ensaio de Pedagogia Philosophica

Organisação da moral escolar

(Continuação)

Sentido da palavra «leigo»

A escola leiga não professa o atheismo nem faz propaganda em prol de umas contra outras religiões, não rebate as idéas religiosas, não reconhece as conclusões negativas do materialismo, não obscurece o campo das verdades espiritualistas.

Ha muita divergencia de exegese na palavra *leigo*. Leroy Beaulier, no seu livro «L'Etat Moderne e ses Fonctions», estabelece claramente á pag. 295: «A laicidade do Estado não implica a hostilidade contra a religião nem a malquerença, nem mesmo a indiferença, assignala somente a independencia. Mas do facto de serem duas pessoas independentes uma da outra, não se conclue que

devam ser inimigas, nem tão pouco que devam deixar de ter entre si quaesquer relações. Uma sociedade em que o Estado e a religião se acham em lucta não pode deixar de ser uma sociedade profundamente abalada; de outro lado, uma sociedade onde a religião e o Estado pretendem ignorar-se mutuamente é quasi uma sociedade impossivel.» E' evidente, pois, que Beaulier não acceta as ideas de Combes, Rousseau, Briand, Clemenceau e outros, que envolveram o atheismo na laicidade que para elles implica a indiferença, a hostilidade quanto á religião, dizendo que a significação da palavra *leigo* é exactamente a que lhe dá a concepção popular, a de negação da divindade e quanto com ella se relaciona. Carlos Maximiliano nos seus commentarios á Constituição, dá á palavra «leigo» a significação de indifferente á religião, não reconhecendo Deus nem vida futura, dá á palavra «leigo» a significação de «atheu». Parece-me ter exorbitado o sabio jurista Barbalho, autorizado constitucionalista, no seu livro «Commentarios á Constituição» diz ás pags. 313 e 314: «A escola leiga não professa o atheismo, não repelle ás idéas religiosas e moraes que são o patrimonio commum das seitas mais conscienciosas e esclarecidas, principios universaes abraçados por todas as convicções e que estão no espirito do seculo.» Consequentemente Barbalho não dá ao vocabulo «leigo» a concepção de atheu.»

Qual será o verdadeiro sentido da palavra *leigo* expressa em nossa Magna Carta? — Eis de que os educadores patricios não se têm occupado. Eis assumpto de capital importancia educativa de que (é incrível!) nunca se cogitou na nossa Escola Normal. Os professores primarios, tendo que ministrar o ensino leigo, nunca receberam a respeito uma orientação abalisada, sendo, no entanto, a palavra «leigo» de tão complexa comprehensão, sujeita a tanta controversia, que de momento apresentei duas autoridades patricias no assumpto, não fazendo referencia a pensadores estrangeiros, Carlos Maximiliano e João Barbalho em franco antagonismo de accepção. Os nossos regulamentos de ensino repetem o texto constitucio-

nal : «o ensino será leigo», nunca ou-
sando, porém, uma interpretação ao ter-
mo «leigo». Presenciamos em nossa de-
mocracia este facto humilhante para os
nossos fóros de povo consciente : os
professores primarios, formadores da
alma do povo, jámais conheceram o
pensamento official quanto á signifi-
cação da palavra «leigo», característica do
ensino que têm de ministrar nas esco-
las.

A moral leiga resume os diversos
meios empregados pelos educadores, pe-
los scientistas, pelos philosophos para a
determinação pratica da vontade pessoal
sempre orientada pelo pensamento do
bem social, para o desenvolvimento da
noção do dever que deve ser o guia da
vontade. Eis o mais transcendente traba-
lho educativo. Entram em jogo as vari-
edades em systemas philosophicos de
moral ; surgem as controversias dos
systemas de moral ditos «utilitarios»,
«sentimentaes» e «racionais». O ensino
leigo, organizando a sua moral leiga,
tem que formar um corpo de verdades
scientificas e philosophicas tiradas dos
diferentes systemas que levam ao cum-
primento do dever, á confiança no desti-
no moral do homem.

Eis o trabalho educativo nunca te-
tentado entre nós. Cada philosophia
sustenta que a sua moral é a verdadeira,
cada religião faz outro tanto. No labyri-
nto de opiniões contraditorias o educador
formará o systema, ideal, independente,
a moral leiga que precisa ter prestigio e
força para determinar deveres moraes
fóra do sectarismo philosophico, fóra do
credos religiosos, formando uma espe-
cie de «ecletismo», um corpo de doutri-
nas difficil de systematizar e que, no
entretanto, devem penetrar todos os en-
sinamentos escolares, os quaes devem
visar sempre os objectivos moraes pre-
determinados.

Quanto á organização das sciencias
communs basta verificar como os phe-
nomenos se operam, como se enca-
deiam, como se relacionam. A simples
experiencia tudo vae conformando e elu-
cidando. Mas em moral não importa in-
vestigar como os actos se realizam : é
preciso determinar como deveriam ser.
Não interessa o que o homem faz.
O que desejamos é assignalar o que de-
veria fazer. «Não se trata de simples

constatação de factos. A moral tem por
objecto modificar a experiencia humana.
Temos que remontar a principios supe-
riores á experiencia» (1). A consciencia
nos leva a uma construcção ideal.

Para suscitar deveres é preciso ir
aos principios que lhes servem de funda-
mento. Para moralizar não basta expor
deveres moraes, que é o que fazemos
em nossas escolas, seguindo methodo
que só pode ser applicado nas classes
elementares.

Nas classes complementares a ju-
ventude exige mais. E preciso persuadir
a vontade por intermedio de operações
intellectuaes. A imaginação trabalha.
A reflexão entra em jogo. E' preciso
justificar deveres. E' indispensavel um
fundamento logico em que se apoiem
os costumes, do contrario não haverá
estabilidade na obra educacional. O
educando exige peremptoriamente do
mestre conhecimentos philosophicos
que lhe forneçam a razão das exigencias
moraes que se lhe impõem. E' im-
prescindivel apresentar justificação so-
ciologica dos deveres, é necessario que
o educando saiba philosophar consigo
mesmo e com as opiniões divergentes
que encontrará na sociedade. Só assim
a influencia escolar perdurará fóra da es-
cola. «Attendendo mais ao futuro
que ao presente, é obrigatorio que
o alumno acceite o dever para o que
o mestre terá que appellar para fun-
damentos philosophicos» (Jean Delvoi-
vé—«La Technique Educative»—)

Os elementos basicos da moral
leiga deverão ser desenvolvidos, a meu
vêr, entre outras, dentre as seguintes no-
ções philosophicas, em se tratando da
formação da personalidade moral : a
consciencia moral, a lei moral, o
sentimento moral, a idéa do dever, a li-
berdade, a responsabilidade, a dignida-
de humana, a distincção entre o bem e
o mal, a comprehensão da virtude, o
merito e o demerito. A moral leiga
tem que ser uma moral independente,
nem concurrente nem adversaria da
moral religiosa, mas de tal modo estabe-
lecida que seus fundamentos philoso-
phicos, suas justificações racionais pos-
sam crear a personalidade moral, carac-

terístico da humanidade, convicções que levem o homem aos destinos superiores do espiritualismo e do idealismo. E, preciso adaptar aos objectivos educacionais as diferentes especies de philosophias ethicas, creando uma moral neutra, fora das divergencias dos systemas. A respeito da moral leiga ouçamos a concepção de Alfred Loisy (A' Propos d'Histoires des Religions») apoiada por Delvolvé em seu admiravel trabalho La Technique Educative: «A neutralidade da moral leiga consiste na abstenção de qualquer negação, de qualquer critica ou allusão malevola relativamente ao que é objecto de crença religiosa». Completando essas noções importantissimas sustenta Delvolvé que a escola leiga não deve fechar á contemplação do educando o campo das verdades metaphysicas que levam á consolidação da personalidade moral, ao respeito por todas as commissões. E' justamente de que se resente a nossa moral escolar: da falta de idealismo, da ausencia de bases e principios espiritualistas o que lhe determina a ineficacia pratica.

A moral leiga, não é, como em geral se pensa, criação alheia ás cogitações philosophicas e religiosas do ser humano. Não podendo deixar de attender ás necessidades metaphysicas da alma, a moral leiga deve encaminhar as questões philosophicas propostas espontaneamente pela razão infantil, de accordo com os dados scientificos do momento, e, transpostos os limites positivos, apresentará á contemplação do educando, de modo neutro, o vasto espaço das generalizações abstractas, desvendando-o cuidadosa e imparcialmente, e facultando ao espirito as diversas sendas philosophicas segundo as propensões individuaes (1).

Devendo a ducação escolar formar o character e os costumes dos homens de amanhã, a moral escolar deverá fornecer-lhes o fundo de idéas e concepções

(1) O principio de moralidade segundo Kant, suppõe como postulados absolutamente necessarioa tres principios theoricos que é mister admittir. Esses postulados são: a liberdade, a immortalidade da alma, a existencia de Deus.

sobre que se apoiará toda a sua conducta. A escola publica mantida pelo Governo, gosando de monopólio educativo em razão da sua gratuidade, deve praticar o absoluto respeito quanto ás consciencias individuaes, não atacando o que for objecto de crença moral das familias cujos alumnos instrue, mas fornecendo aos educandos a visão dos principios philosophicos espiritualistas universalizados afim de não crear materialistas e pessimistas. E' preciso fornecer aos educandos uma synthese espiritualista da vida. Illudindo a dificuldade de solucionar as questões moraes postas pelos diversos systemes philosophicos, o espirito moderno intentou eliminar as preoccupações religiosas e moraes. Formidavel contrasenso! O que pretendo é que os nossos educadores, na organização da moral leiga escolar possam ter uma attitude philosophica independente e tolerante em face dos problemas religiosos e moraes formulados a cada passo pelos nossos estudantes. O ensino leigo tem que ter orientação philosophica, a moral leiga tem que ser uma moral philosophicamente organizada.

Estou certa de que para a formação doutrinaria da mentalidade, nem mesmo o ensino religioso, essencialmente doutrinario, tem tão seguro poder como a assistencia junta á infancia do educador philosophicamente culto, que saiba fundamentar os seus objectivos não com o dogma mas com a razão. Ainda não nos orientamos nesse sentido. Não cultivamos o desenvolvimeato intellectual que comporta as synthese philosophicas. Vem dahi o nosso desinteresse pelas questões de alta cultura onde se encontram as conclusões da moral social. Quando muito nos arrojamos em nossas escolas a consagrar nos programmas vagos e dispersos conselhos de moral, repetidos sem comprehensão, sem o calor da convicção que provem do entendimento philosophico. Sob o pretexto de que o ensino é leigo fomos ao exagero de nos despreocupar do ensino systematico da moral pensando poder dispensar fundamentos espirituales, como si as verdades philosophicas devessem ser combatidas ou desprezadas nas escolas por constituirem o fundamento da religião abolida pelo

novos
nosso
aos ob
incomp
gramm
lativam
cos di
religiõe
sem se
grandes
ideaes
como s
não de
stituir
culto e
que, na
sob o p
as scen
tocados
martyri
mais b
a hun
tidos f
cujos f
fontes
moral.
sos ed
e o Ch
torico
desse s
cetivo,
central
como f
genda,
tastica
Só mu
cá, ou
vez, a
cia do
conhec
na es
pedag
tora F
enter
nosso
colare
oncia
das fo
conhe
lidade
cede
dos e
antes
no Me
ralida
cia ao
co-reli

novo regimen, sendo na realidade o nosso ensino leigo desvirtuado quanto aos objectivos doutrinaes. A mesma incompreensão levou os nossos programmas ao mais completo olvido relativamente aos grandes vultos historicos divinizados ou centralizados pelas religiões, como si no ensino leigo devessem ser esquecidos, desconhecidos os grandes reformadores e creadores de ideaes exaltados pelas seitas religiosas, como si sua influencia historica e social não devesse ser commentada por constituir objecto de estudo, meditação, culto e lithurgia dos religiões. De modo que, na escola primaria são silenciados, sob o pretexto de que o ensino é leigo, as scenas historicas e os actos humanos tocados de unção, de heroismo, de martyrio e de santidade decorrentes dos mais bellos ideaes que têm endeosado a humanidade, absurdamente omitidos heroes e martyres das religiões cujos feitos sobre-humanos constituem fontes da mais bella e pura inspiração moral. Até bem pouco tempo os nossos educandos desconheciam o Christo e o Christianismo, com si o estudo historico e social do Divino Moralista pudesse ser dispensado em um curso educativo, apparecendo o eminente vulto central da historia, aos olhos infantis, como figura mythologica, creação de legenda, uma ficção, uma creação phantastica indigna de referencia no collegio. Só muito modernamente, de 1922 para cá, ouviram os alumnos, pela primeira vez, a palavra official quanto á existencia do Christo e á sua acção social. O conhecimento historico do christianismo na escola primaria, é ainda das obras pedagogicas de infinito valor da inspetora Pedreira de Mello, de inovidavel e enternecida memoria. Têm ignorado os nossos organizadores de programmas escolares ser pensamento das grandes pontancias cultas iniciar a criança no estudo das formações religiosas, levando ao seu conhecimento os thesouros da espiritualidade humana que encerram, como succede em Berlim segundo se depreheende dos ensinamentos de um dos representantes da sua pedagogia—o professor Bruno Meyer, que assim se define: «A neutralidade escolar não significa a renuncia ao conhecimento dos factos historico-religiosos, das proposições religiosas

cu philosophicas e metaphysicas mas do seu estudo independente e respeitosa-mente feito, penetrando a sua alta significação moral».

•••

Não quero dizer com estas apreciações que os nossos professores se descuidem do ensino da moral, pois que, tratando-se de pessoas com as quaes tenha tido o mais absoluto contacto, conheço e sei com que carinho e com que devotamente ministram, pela nobreza do exemplo, pelo aproveitamento de todas as oportunidades, ensinamentos moraes aos seus adorados estudanteezinhos. Fazem quando podem. Mas não o suficiente.

O que reconheço é que o ensino da moral privado de centralização official e entregue apenas á iniciativa particular de cada professor e a suggestões occasionaes, não é efficiente, não tem base uniforme, não tem systematização nem finalidade, nem synergia. Sou dos que, convictos de que a moral deve ser ministrada a pretexto de tudo, entendem que, não obstante, exige programma normalizador assegurando unidade, conformação e teleologia. Cogito dos principios e doutrinas que recommendam á educação, como fim geral, a preparação do homem para a felicidade numa vida commum e, debaixo de um ponto de vista nacional, a harmonização do individuo com os objectivos e finalidades da sua patria. E' isto que nos Estados Unidos se chama «Formação do espirito nacional» Para tão vasta pretensão é indispensavel que todas as actuações—da União, dos Estados e dos Municipios—se conjuguem para a constituição de uma mentalidade que, permittindo as diferenças individuaes, tenha as characteristics que devem marcar o espirito nacional. E' portanto necessario que o ensino normal fornece aos futuros mestres uma philosophia central que, incorporando e systematizando as conquistas fundamentaes da sciencia contemporane, formando-lhes a philosophia, uniformize, nas suas linhas principaes, os educadores para que difundam o ensino sempre sob o contro-

le» superior e directriz dessa organização mental.

Quando me refiro á retirada da religião catholica, que anterior presidia á educação, dizendo ter ficado a adolescência privada do ensino doutrinario, não a escolhi por nenhuma propensão individual, mas por que é o antecedente historido da queslão. Si falasse em paiz protestante em que o mesmo phenomeno si houvesse dado, eu teria alludido á religião Lutheran.

O que desejo caracterizar é que, banida uma norma reguladora da mentalidade e da conducta, não foi substituída por outra. O livro de Okakura «Les idéaux de l'Orient» mostra como no Japão, no despertar da nacionalidade, os seus estadistas crearam logo esse aparelho altamente conformador da alma

nacional, a que me referi, que devia gradativamente substituir Buddhismo e Confucionismo pelo entendimento philosophico e moral.

Na França, na Alemanha, na Italia, por toda a parte, o maximo problema politico-sociologico é a formação da mentalidade moral popular operada nas escolas publicas. E' preciso acompanhar o pensamento das grandes nações quanto á organização da consciencia leiga. Realizar o plano da educação moral nas nossas escolas leigae-eis dos maiores empreendimentos nacionaes, o que cobriria de imperecível gloria o governo de lucida visão que o realizasse.

A SEGUIR : — O ideal leigo —

ALBA CAÑIZARES NASCIMENTO.

Os tests no ensino primario

Attitude dos alumnos nos primeiros tests.

De modo geral, o resultado dos primeiros tests, sobretudo o primeiro, subordina-se á novidade da prova; e tanto, que, já o notamos — o primeiro test deve ser desprezado, como criterio na verificação de preparo. Todavia, ha sensíveis diferenças na attitude da classe, e, consequentemente, nos resultados, segundo se trate : de uma realisação dirigida pela propria professora da classe, ou por pessoa estranha; numa escola onde haja classes que já tenham feitos tests, ou numa escola onde o assumpto é absoluta novidade. Vamos por partes, admittido sempre que o test é applicado por pessoa que tenha competencia e pratica.

Figuremos o caso — de ser o test absoluta novidade na escola, applicado por pessoa inteiramente estranha á classe, passando-se as cousas rigorosamente deste modo : não foi feita nenhuma recommendação além do estrictamente necessario para ser comprehendido o

que se quer; não se disse o tempo que durará prova; distribuíram-se os impressos, recommendando-se que cada um trate de si, em completo silencio.

Não ha meio de obter-se da classe o comportamento que convem: estão todos os alumnos tão aprehensivos como num exame commum, e mais emocionados, ainda, pela novidade e estranheza da prova. Uns, em grande numero, voltam-se instinctivamente para o investigador, e para o professor da classe, si está presente, a pedir, pelos olhos, pelo gesto, ou de voz explicita — explicações supplementares; outros se voltam para os visinhos, si ha algum a escrever — afim de ver que é que elle está a fazer.

Um grande numero — todos os mais fracos e mais timidos, logo desanimam e ficam a fitar o impresso, para nada ler, e nada fazer... Chega o momento de recolher as folhas, e o resultado é lastimavel... Já convencido desses effeitos numa classe de 2º anno, de Escola Normal, como primeiro test, demos o seguinte :

Qu
portug

...
cez dest
de Sá?

Qu
de...?

...
surreiçã

...
atacado

...
geral do

Qu
indios?

De
vos para

Co
Or

cia?

En
jamin C

Er

nenhum

i respo

xando e

vez, (trat

vestiga

mediata

com os

tante p

guntas;

dessem

prova;

que res

cia. No

— «No

mo...

outros,

plicaçã

Si

quem r

da qu

ella de

que do

nha do

reserva

pensav

se, fala

o mest

haja u

consi

finalm

a clas

então,

prova

lo natu

Quem commandava a esquadra portugueza que descobriu o Brasil?

... fundou o estabelecimento francez destruido pela expedição de Estacio de Sá?

Qual o donatario da capitania de...?

... o principal chefe militar da Insurreição Pernambucana?

... O primeiro ponto do Brazil atacado pelos Hollandezes?

... a séde do primeiro governo geral do Brazil?

Quem fez a libertação absoluta dos indios?

De onde vinham os pretos escravos para o Brazil?

Como morreu o Tiradentes?

Onde se deu o grito da Independencia?

Em que acontecimento figura Benjamin Constant?

Eram 14 alumnos: 10 não deram nenhuma resposta; 3 disseram tolices, 1 respondeu a 7 das 10 questões, deixando em branco as ultimas. Mais uma vez, (tratava-se de rapazes) quizemos investigar os motivos do fracasso, e, immediatamente, procuramos conversar com os alumnos: todos sabiam o bastante para responder a maioria das perguntas; não se deve dizer que não podessem comprehender a natureza da prova; mas ficaram annullados, salvo o que respondeu com relativa competencia. No entanto, esse mesmo ponderou — «No primeiro momento, fiquei pasmo... Nunca tinha feito disto!...» Nos outros, o *pasmo* foi absoluto. Eis a explicação do caso.

Si é o proprio professor da classe quem realisa os test, por mais accentuada que seja a sua *força moral*, (pois que ella deve derivar mais da *sympathia* do que do medo), não ha meio de que obtenha dos alumnos, a attitudo — de calma reserva e de isolamento mental, indispensavel num test. As crianças agitam-se, falam umas com as outras, interrogam o mestre... E passa o tempo, sem que haja um resultado a ser tomado em consideração. O mestre *firmará*, finalmente, o seu prestigio, porá a classe em realisação, regular, mas, então, elle quebra o surto que levaria a prova ao exito procurado, e, ao estimulo natural do test, succede a depressão—

do alumno que sabe ter desagradado ao professor.

Agora, tratarão: uns, de acabar com aquillo o mais depressa possivel, para verem-se livres de um exercicio que se tornou desagradavel; outros, como as meninas, que são por indole mais cuidadosas, darão o seu esforço em fazer *lettra bonita*...

em regular bem a distancia entre a pergunta e a resposta...

E é por isso que, adiantando conselhos, recommendamos: desprezem-se os primeiros tests; nunca seja o professor da classe quem lhe dê os tests definitivos...

Explica-se, muito bem, tudo isto que acontece nas primeiras provas. A realisação do test, nas suas respostas, exige isso mesmo que se dá em todo trabalho mental—comprehensão, invenção, direcção, e critica; mas, no final, tudo depende da comprehensão; si esta falhou, tudo se prejudica. Ora, no primeiro momento, quando o test vale, apenas, como uma nova forma de prova de exame, elle tolhe todos os meios intellectuaes, si não pelo medo, ao menos pela estranhesa, e o seu effeito mais pronunciado é sobre a comprehensão. E si o alumno reconhece—não ter comprehendido, está, mentalmente, inutilizado. Nem é preciso interrogal-o a respeito de taes insuccessos: o seu olhar diz eloquentemente—*Não sei o que querem de mim... Não sei o que hei de fazer.*

Muitas outras recommendações, para a boa applicação dos tests, derivam desta verificação.

Alem de tudo isto, ha a circumstancia de que o test se faz num tempo relativamente curto. Então, si dizemos—*Vocês têm de fazer a prova em minuto e meio*... mais atordoamos a classe, sem adiantar grande cousa, porque os alumnos não têm um criterio seguro do que seja *minuto e meio*. Si recommendamos—*Andem depressa!*.. lançamos as crianças numa precipitação, de que não pode sahir trabalho razoavel... Nestas condições, é impossivel, nos primeiros tests, levar os alumnos a uma justa apreciação do tempo, e isto basta para prejudicar definitivamente os resultados.

Quando se trata de classes novatas, mas em escolas onde já se conhecem, e já se fizeram tests, attenuam-se muito os

maus efeitos da novidade. Predomina a curiosidade, anciosas, as crianças pela prova de que ouviram falar... Dissipa-se o medo propriamente dicto, substituído pelo afan de *dar uma boa prova de si...* As respostas obtidas, então, não servirão para dar a indicação justa do preparo dos alumnos, mas approximam-se, muitas vezes, de um trabalho regular. A maior dificuldade, neste caso, ainda é a *compreensão*: apesar de terem noticias da nova forma, acontece, frequentemente, que, em face de uma explicação summaria, os alumnos fiquem perplexos, quando mais não seja—porque a prova lhes parece facil de mais: *Dar nomes de povoações que fiquem perto da fronteira, vindo do Norte para o Sul...* E' nesse caso—*primeiro* test, numa classe que ja tem noticia destas provas, que se pode bem apreciar o effeito estimulante dellas. Ha, por todas as phisionomias, o retracto de uma attenção segura, com o maximo de atilamento, fala vivamente o amor-proprio, não só nos bons alumnos, como nos mediocres. sobretudo si o test é dado por pessoa estranha. E tudo isto nos confirma no conceito: os tests applicados por pessoa estranha á classe dão resultado differente, e melhor, do que os applicados pelo proprio professor.

O test revela a criança

São preciosos os tests porque, não só patenteiam os conhecimentos adquiridos, como revelam as qualidades typicas da mentalidade infantil. Uma vez bem conduzidos, de forma que a criança fique entregue a si mesma, com a certeza de que tem de contar, somente, com a sua intelligencia, desenvolvem-se-lhe as capacidades de iniciativa e de autonomia mental. Ao cabo do indispensavel treinamento, si as respostas feitas não dão toda medida do valor intellectual do alumno, pelo menos representam absolutamente um trabalho proprio, na feição peculiar do seu espirito. Lembremo-nos sempre de que a criança é essencialmente espontanea. Estimulada, levada a agir de modo que dê um trabalho prompto e immediato, como no

test, ella é incapaz de conter-se e de mascarar a sua consciencia. Dará, sempre, uma mostra fiel de si mesma.

Dahi, dessa espontaneidade, resultam defeitos que se patenteiam nos tests, e com os quaes o mestre tem de contar, para evitar insuccessos. Impressionavel, escrava das apparencias, sem o freio de uma critica lucida e methodica, a criança generalisa facilmente, assim como facilmente se dobra a qualquer suggestão, sobretudo si—suggestões e apparencias a levam mais promptamente aos resultados desejados. Isto nos explica alguns dos fracassos, como os verificamos nas nossas experiencias, e, ao mesmo tempo, indicam-nos o que convem evitar.

Os exemplos, copiados dos resultados, dizem melhor as cousas. Realizamos um test de linguagem, de *derivação de palavras*—dado o qualificativo, achar o respectivo substantivo derivado:

Esperto—esperteza
Bello—belleza,
Estreito.....
Molle.....
Duro.....
.....
Alegre.....
Caro.....
Sabido.....

E os alumnos fazem, sem hesitar—*alegreza, careza, sabideza...* Si pedimos, analogamente, verbos derivados, *comprar, fala... trabalho...; chegada a vez de—terra, costa, pedra, tinta, rubor...* elles farão—*terrar, costar, pedrar, tintar, ruborar...* apesar de que estejam familiarisadas com os verbos—*aterrar, costear, tingir, enrubecer...* como tambem, com os substantivos—*alegria, carestia, sabedoria...* A lei do menor esforço, a mais patente no mundo vivo, em ninguem o é mais do que a criança, expressão de vida em plena espontaneidade.

(Do livro, no prelo, "O Methodo dos tests no ensino primario", pelos professores M. Bomfim, Alice C. J. da Cruz, Eurydice J. da Cruz, Maria L. Cruz Machado, Moema de Carvalho e Ophelia Avellar.)

Banco do Brasil e suas Agencias

BALANÇO EM 30 DE JUNHO DE 1926

ACTIVO	PASSIVO
Theouro Nacional-C/de antecipação da receita 189.811:321\$266 Letras descontadas... 658.535:018\$674 Empréstimos em conta corrente..... 256.479:030\$025 Letras a receber..... 22.266:716\$725 ----- Efeitos a receber de C/ alheia : 10.784:476\$650 Do exterior..... 234.025:870\$027 Do interior..... ----- Valores em liquidação Valores caucionados..... Agencias e filiaes no interior..... Correspondentes no exterior..... Correspondentes no interior..... Títulos e fundos pertencentes ao Banco. Liquidação do Banco da Republica do Brasil..... Imoveis..... Moveis e utensilios..... Cobrança nos Estados..... Diversas contas..... Ouro em deposito: Na Caixa de Amortização L 10.695.030.76 Idem em n/cafres..... L 658.853.19-5 ----- Títulos ouro depositados no Exterior: L 2.595.030-0-0 no- minaes pela ul- ma cotação..... L 1.624.530.0-0 a 8 d. Caixa : em moeda corrente..... ----- 3.876.758:962\$263	Capital..... 100.000:000\$000 Fundo de reserva..... 125.070.144\$533 Fundo de resgate do papel moeda..... 283.162:193\$000 Menos : Importancia entregue á Caixa de Amortização para ser incinerada..... 215.162:914\$000 ----- Emissão em circulação..... 67.999:279\$000 Depositos: 592.000:000\$000 Em contas correntes 699.334:853\$564 Em juros Em contas correntes limitadas..... 96.871:177\$810 Em contas correntes sem juros..... 228.364:761\$242 Em contas a prazo fixo Em contas de compen- sação de cheques... 119.153:952\$466 ----- 10.052:101\$927 ----- Títulos em caução e em deposito..... 1-163.776:347\$009 Agencias e Filiaes no Interior..... 755.706:154\$537 Correspondencia no Exterior..... 415.804:638\$080 Correspondencia no Interior..... 27.159:503\$043 Depositantes de efeitos para cobrança.. 3.549:618\$477 ----- Bonus e dividendos: Saldo anterior..... 985:839\$870 40º dividendo a distri- buir..... 10.060:000\$000 ----- Diversas contas..... 19.803:541\$046 ----- 3.876.758:962\$263

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1926.

(a) James Darcy — Presidente.

(a) Arthur Bosisio — Contador.

A Equitativa dos E. U. do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social : — Av. Rio Branco n. 125 — Rio de Janeiro — Edifício de sua propriedad.

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado—8to Sorteio—15 de Julho de 1926

106.806—Joaquim Loyola Junior.....	Ponta Grossa—Paraná.
124.954—Relisberto Prates Machado.....	Ponta Porã—Matto Grosso.
159.689—Milton Braga Rola.....	Rio Branco—Acre.
152.725—Antonio C. Vieira Brandão.....	Oeiras—Piahy.
105.433—João Ramos Filho.....	Baturité—Ceará.
146.739—João Paulo Dantas.....	Simão Dias—Sergipe.
135.393—Francisco Rodrigues Velloso.....	São Luiz Gonzaga—Maranhão.
108.368—Venancio da Costa Barrios.....	Livramento—Rio Grande do Sul.
150.736—Jovita Neves Pinto.....	Belém—Pará.
90.209—Valeriano Gomes da Silva.....	Jaraguá—Alagoas.
106.504—Arthur de Araujo Marques.....	Maceió—Idem.
115.049—Francisco Mangieri.....	Cannavieiras—Bahia.
106.981—Leonel Messias de Souza.....	Jequié—Idem.
150.431—Mario Jugurtha Couto.....	Victoria—E. Santo.
159.167—Henrique Cruz.....	Cach. de Itapemerim—Idem.
154.260—Alvaro Castello.....	Affonso Claudio—Idem.
105.754—José Marques de Oliveira Mello.....	Recife—Pernambuco.
128.271—Luiz Ferreira G. da Silaa Filho.....	Idem—Idem.
140.674—Luiz Ferreira G. da Silva Filho.....	Idem—Idem.
115.228—Severino Tavares Bragana.....	Catende—Idem.
134.080—Raul Bandeira de Mello.....	Recife—Idem.
156.846—Rodolpho David Gomes.....	Vargem Alegre—E. do Rio.
155.324—Francelino Rodrigues Franca.....	Naividade—Idem.
159.210—Arthur Agrippino C. Loureiro.....	Petropolis—Idem.
120.060—Saverio Vito Pentagna.....	Valença—Idem.
152.675—Neumizia Martins Ferreira.....	Barra Mansa—Idem.
95.762—Antonio Gonçalves Gravatá.....	Bello Horizonte—Minas.
137.355—Antonio Augusto Spyer.....	Montes Claros—Idem.
149.759—Said Rachid.....	Abaeté—Idem.
159.755—Theodomiro Alves Falleiros.....	S. J. do Caoatinga—Idem.
151.932—Jayme Léon Péres.....	Bello Horizonte—Idem.
133.820—Eduardo Pereira de Campos.....	Ponte Nova—Idem.
135.866—Joaquim Nogueira Almeida.....	Morro do Chapéo—Idem.
132.786—Julio de Alvarenga Drumond.....	Sant'Anna de Ferros—Idem.
153.701—João Serpa de Toledo.....	Tomboz—Idem.
136.327—Nelsod de Carvalho.....	Angustara—Idem.
157.838—Sebastião Procopio Ladeira.....	Juiz de Fóra—Idem.
156.094—Ricardo Xavier da Silveira.....	Capital Federal.
154.582—Antonio Souza Lopes.....	Idem.
126.701—Carlos Guinle.....	Idem.
121.923—Benigno Inglezias Malvar.....	Idem.
120.390—Manoel J. Cardoso Junior.....	Idem.
153.153—Roberto da Gama e Silva.....	Idem.
160.109—Mario Leite Rodrigues.....	Idem.
151.187—Henrique Marques Montairo.....	Idem.
116.724—Carlos Jorge Rohr.....	Idem.
100.278—Mario de Moura Salles.....	Idem.
156.883—Luiz Dntra de Oliveira.....	Idem.
145.942—Alfredo Alves de Oliveira.....	Idem.
152.410—Fugenio Seize.....	Idem.
125.838—Pedro Pereira Novaes.....	Idem.
155.757—Manoel Joaquin Henrique Junior.....	Idem.
158.773—Olyntho Alves Garcia.....	Barretos—S. Paulo.
124.133—Francisco Amancio de Souza.....	Rio Preto—Idem.
155.801—Joaquim Apollinario dos Santos.....	S. Paulo—Idem.
157.276—Francisco José de Carvalho.....	Barretos—Idem.
124.050—Victor Britto Bastos.....	Rio Preto—Idem.
115.862—Hellado Martins.....	Santos—Idem.
155.435—Hygino Carusi.....	S. Paulo—Idem.
154.456—Sebastião Machado de Campos.....	Santos—Idem.
150.550—Benedicto Orlando Martins.....	S. Paulo—Idem.
150.452—José Freitas Souza.....	Barretos—Idem.
149.636—Fredesvindo de Souza Lima.....	Ariarhanha—Idem.
158.470—Francisco Marcondes de Almeida.....	Ribeirão Bonito—Idem.
126.225—Severino Borges Rodrigues.....	Piratininga—Idem.
154.731—Aristides Cabrera Corrêa Cunha.....	Santos—Idem.
151.240—Joaquim Mendes Castilho.....	Quiririm—Idem.
153.736—Procopio Ribeiro Filho.....	Olympia—Idem.
160.395—Salim Thomé.....	São Paulo—Idem.
117.736—Fernando Rocha Britto.....	S. Paulo—Idem.

A ESCO

Proble

n

1 — Elz

vez

Qu

2 — Ce

15

3 — U

re

du

Q

4 — L

b

5 — A

fi

C

6 — S

8

7 —

8 —

II — A ESCOLA

Problemas sob typo para os nossos pequeninos

MULTIPLICAÇÃO

Typo 1

- | | |
|---|---|
| <p>1 — Elza tem 4 peras. Lucia tem tres vezes mais do que Elza. Quanta peras possui Lucia ?
R—12</p> <p>2 — Cecy deseja saber o quadruplo de 15. Qual é ?
R—60</p> <p>3 — Uma saia de Lucia leva 2 metros de renda. Sua mamãe fez-lhe meia duzia de saias. Quantos metros de renda gastou ?
R—12.</p> <p>4 — Lucia tem 8 livros. Cecy tem o dobro. Quantos livros tem Cecy ?
R—16</p> <p>5 — A mamãe de Cecy tem o triplo da idade da filha que conta 11 annos. Quantos annos tem ella ?
R—33</p> <p>6 — Se em casa de Elza comprassem 2 kilos de carne por dia, quantos gastaria em 8 dias ?
R—16.</p> <p>7 — Para fazer um vestido, a mamãe de Elza comproⁿ 4 metros de fazenda. Tres vestidos iguaes a esse quantos metros gastariam ?
R—12.</p> <p>8 — Cecy colheu 25 violetas do seu canteiro. Lucia colheu o quadruplo</p> | <p>desse numero. Quantas violetas colheu Lucia ?
R—100</p> <p>9 — Elza contou as laranjas que um quintandeiro levava e achou que eram 5 duzias. Quantas fructas ?
R—60</p> <p>10— Em casa de Cecy gastam 3 duzias de ovos em uma semana. Quantas duzias gastam em um mez ?
R—12.</p> <p>11— Elza fez hontem 3 florinhas do seu bordado. Para terminal-o precisa fazer 5 vezes mais. Quantas florinhas estão por fazer ?
R—15.</p> <p>12— Cecy anda 56 metros em um minuto. Gasta 6 minutos de sua casa á escola. A que distancia da casa de Cecy fica a escola ?
R—336^m.</p> <p style="text-align: center;"><i>Typo 2</i></p> <p>1 — Quem é mais velho : o pae de Elza que tem 6 vezes a idade della (6 annos) ou seu irmão Luiz que tem o quadruplo da idade de Cecy (11 annos).
R—Luiz.</p> <p>2 — Um ovo custa 3 tostões. Quantos tostões pagou Elza por 4 duzias que comprou ?
R—144</p> <p>3 — Dei uma pratinha de mil reis por uma duzia de botões. Quantas pratinhas darei por 8 duzias de botões duas vezes mais caros ?
R—16</p> <p>4 — Ha 5 centenas de metros da casa de Lucia á escola. Quantas centenas</p> |
|---|---|

de metros anda ella em uma semana para ir á escola ?

R—30.

5 — Quanto pagará o pae de Cecy por meia grossa da lapis, se cada um custa 2 tostões ?

R—144.

6 — A rua em que moro tem quatro vezes o dobro do comprimento da rua em que Elza mora. A rua em que Elza mora tem 2 kilometros. quantos kilometros tem a rua em que moro ?

R—16.

7 — Lucia ganha 5 tostões por semana para pôr a mesa do almoço. Quantos tostões ganhará em meio anno ?

R.—120.

8 — Quatro vezes a idade de Elza dá a erça parte da idade de sua avozinha materna. Elza tem 6 annos. Quantos annos tem a avozinha ?

R—72.

9 — O quadruplo do dobro da idade de Cecy é a idade de seu avô paterno. Cecy tem 11 annos. E o avôzinho ?

R—88.

10— Andando 5 metros em um segundo, quantos metros andarã Elza em 2 minutos ?

R—600.

11— Fazendo 3 duzias de guardanapos em um dia, quantos guardanapos fará uma costureira em 2 semanas de trabalho ?

R—432.

12— Elza tem 5 vezes mais jaboticabas do que Lucia. Cecy tem 4 vezes mais do que Elza. Lucia tem 21. Quantas fructas possui Cecy ? E Elza ?

R—420—105

13— Quatro vezes a idade de Lucia dá a idade de seu papae ; 3 vezes a

idade de Cecy dá a idade de mãe. Lucia tem menos 2 annos do que Cecy que tem 11. Quantos annos já fez Lucia ? E seus papás ?

R—9—36—33

14— O leiteiro disse a Cecy que na 3ª semana do mez de Maio vendeu 3 vezes mais litros de leite do que na 2ª, e na 2ª vendera o dobro da semana anterior. Na 1ª semana, disse elle, vendeu 12 litros por dia. Quantos litros vendeu na 3ª semana ?

R—504.

SEBASTIANA FIGUEIREDO.

Tres palavrinhas

Policlinica. — Esta palavra encontra-se frequentemente sob a forma erronea *Polyclinica*. Os que em materia de grego ouviram cantar o gallo, ainda que não pudessem adivinhar onde, explicam logo :— Vem do grego ; *poly*, muitos, logo, *muitas clinicas, hospital*. Enganam-se, porém, redondamente. Nesse vocabulo não ha a minima idéa de abundancia, de clinicas numerosas. Um mero encontro de sentidos. *Policlinica* é realmente grego, mas de *polis*, que significa cidade. Significa o leito hospitalar da cidade. Eis ahí que a palavra *não tem y*, exactamente porque vem do grego, razão que serve habitualmente para se metter essa letrinha.

O erro está muito generalizado. Ha mesmo uma *Policlinica*, situada na praça 11 de Junho, que o ostenta escandalosamente na propria taboleta. Aquillo me bole com os nervos quando, todos os dias, por alli passo. Senhores da *Policlinica* ! Tomem do bisturi e façam a *ypsilotomia*.

Camouflage. — Esta palavra franceza é hoje usadissima em todos os paizes havendo-se generalizado seu emprego depois da grande guerra. Estamos certamente autorizados a nacionalizal-a, passando a escrever *camuflage*, mas não é disto que me quero occupar. Pensei, foi em chamar a attenção dos possiveis

leitores (?) para o genero que a esse vocabulo devemos attribuir. *Camouflage* em francez é masculino. Portanto, se empregamos o termo, havemos de dizer correctamente *um camouflage, este camouflage* — e não, como é corrente, *uma, esta*. O erro é introduzido pela erronea analogia dos termos portuguezes terminados em *agem*.

Será licito fabricar em portuguez a palavra *comuflagem*? Não responderei se é licito, mas quer-me paracer que esta ha de ser no futuro a forma vencedora em nosso idioma. Até lá, porém, não mudemos o genero á palavra.

O que está succedendo com *camouflage* tambem ocorre com *garage* e com *chantage*. Quanto a *chantage*, já está bastante propagada o forma *chantagem*, se bem que tenhamos em legitimo portuguez a palavra *chantagem* com acceção inteiramente diversa.

Xurear— Que diabo disto é aqui-lo? Perguntarão os leitores, no caso que os haja. *Xurear, xureado* são termos que não figuram nos vocabularios existentes, nem creio que os haja de consignar o dictionario da Academia. Entretanto, são correntemente usados pelos desenhistas. *Xurear*, para elles, é tracejar de modo especial. Nos mappas, já vistes sem duvida que os montes e as serras

se representam por meio de uns tracinhos caracteristicos. Grosseiramente feitos, esses tracinhos dão ás serras desenhadas pelos alumnos das escolas, muitas vezes, o aspecto de espinhas de peixe. Pois ahi está o que são os *xureados*. Mas donde se tirou semelhante coisa?

A explicação é facil. Ao tracejado chamam os francezes *Hachures*, donde o verbo *hachurer*. Tomemos o dictionario francez. O de Darmesteter; meu predilecto. Ahi lereis: «*Hachure*. Derivado de *hacher*... Admttido pela Academia em 1718. Traços empregados no desenho e na gravura para assignalar as meias tintas e as sombras; em toptographia para indicar os accidentes do terreno; nos brazões para distinguir os esmaltes e os metaes». Eis ahi a fonte.

Os termos são necessarios em portuguez e são correntemente usados para indicar um tracejado especial. Os desenhistas os escrevem em geral como está no inicio deste topico, isto é, com *x*. Será assim mesmo? Ahi é que me parece devamos tentar a correcção, pois a escripta deve ser com *ch* *churear chureado*, ou ainda melhor, *hachurear hachureado*.

MESTRE-ESCOLA.

EXPEDIENTE

Rogamos a nossos assignantes que mandem renovar suas assignaturas, afim de evitar interrupção nas remessa da revista.

Os pedidos de assignaturas, bem como os de collecções de annos anteriores, devem vir acompanhados das respectivas importancias e endereçados á redacção d'«A Escola Primaria» á rua Sete de Setembro, 174—Rio de Janeiro.

O preço de assignatura annual é de 10\$000 para todo o Brasil.

III — LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

O salario, a renda, a previdencia (depósitos em bancos e caixas economicas). o consumo.

O SALARIO

Se observardes um pouco a maneira pela qual se produz a riqueza em uma fabrica, logo verificareis meus caros amigos, que ha nella varias pessoas que auferem proventos, isto é, que ganham. O capitalista que forneceu o dinheiro, com que se montou o estabelecimento industrial recebe um provento, que é afinal o *juro* do capital empregado, juro a que se dá neste caso, geralmente o nome de *dividendo*. O patrão, que organizou e dirige o serviço, ganha aquillo a que costumamos dar o nome de *lucro*. O operario, que fornece o trabalho do braço e da intelligencia, sem empregar ou empatar dinheiro e sem ter

Que é, pois, o salario? É a parte do operario na producção: uma remuneração dos serviços prestadas, proporcional ao numero de horas em que se empregou a sua actividade, ou ao trabalho que executou. Assim, o operario pode ganhar por hora ou por dia de serviço e pode ganhar pelo numero de peças ou pela quantidade de objectos fabricados. A remuneração de cada um varia, naturalmente segundo a difficuldade da obra, segundo o risco que corre no serviço, segundo a abundancia de homens capazes de effectuar o mesmo trabalho. Podeis ver bem as differenças em uma typographia. Ha officias que recebem por linha de composição, como os linotypistas; ha os que recebem por dia, taes como os compositores «de caixa». Se o trabalho é em lingua estrangeira, nem todos os com-

positores podem encarregar-se d'elle, e dahi os que o fazem exigem maior remuneração. Se o trabalho é executado á noite, em serão, custa mais caro. O aprendiz que ainda não está senhor de toda a technica do serviço, que faz a obra mais lenta e menos correcta, ganha muito menos, até que se torne verdadeiro official.

Não é só aos trabalhos manuaes que corresponde um salario, mas a quasi todas as profissões humanas, mesmo ás que são puramente intellectuaes. O medico recebe honorarios, que outra coisa não são do que salario, pelas visitas que faz ou pelas consultas que dá; um professor, pelas horas de aulas, ou pelo mez de ensino; o escriptor pelos artigos que compõe e ás vezes pelas linhas que escreve. Na sua enorme maioria os homens vivem de salarios. Esta palavra nada tem de deprimente, como alguns ingenuamente suppõem. Todos somos cedem visivelmente uma quantia em dinheiro podem ter salario; basta imaginar uma pessoa que se tem em casa e que presta pequenos serviços sem receber dinheiro regularmente. Seu salario são a casa, a alimentação, a roupa. Quer dizer que o salario pode ser «em natureza» ou em dinheiro.

Já pudestes apreciar qual a razão por que variam os salarios. Essa variação é de todo ponto justa. Infelizmente, porém, ainda não se chegou a impor em todos os casos a justiça integral. Sem duvida, o empregado das repartições publicas, que não necessitam de conhecimentos extraordinarios, cujo serviço é em geral mais suave e menos premente, vale muito menos, para a riqueza do paiz, do que o operario, mas a verdade é que essa situação privilegiada dos funcionarios das secretarias e repartições,

burocráticos por illustrados inter o operário trata de direito, do que v serviços ganha q reis que secretaria repartiçã lhor — or damente mil reis, Só lontan dades. E dantes c corre-se de desen os estudi sciencia exprime.

«O não tem culares ha de to pago de justo; tal dos sim faça retor moços, administr

A p no sentid aufer da que exer Assim, se casa que meu din gamento claro qu salario: indagar, dade mu tal. Se er nheiro v productiv tomou en nheiro fo correnten «salario para que

burocraticas só existe porque os operarios por muito tempo se descურaram de illustrar-se e de reunir-se para a defesa dos interesses proprios. Modernamente, o operario já comprehendeu o mal e trata de conquistar a posição a que tem direito. Nada mais doloroso, realmente, do que ver um homem que trabalha em serviços arduos e utilissimos por dia ganha quatro, cinco, seis mil reis, dez mil reis que sejam, enquanto um official de secretaria, passando algumas horas na repartição, onde pouco trabalha, ou melhor — onde poucos trabalham, faz folgadoamente por mez seiscentos, setecentos mil reis, um conto de reis e ainda mais. Só lentamente se corrigirão essas iniquidades. Em uma terra onde são tão abundantes os empregados de secretaria corre-se o risco, quando se fala assim, de desentardear odios, mas é o que dizem os estudiosos. Um notavel homem de sciencia é nos seguintes termos que se exprime:

«O empregado burocratico, que não tem capacidades intellectuaes particulares nem conhecimentos especiaes, ha de tornar-se em breve o menos bem pago de todos os trabalhadores: será justo; talvez que esta baixa do salario dos simples empregados burocraticos faça retornar ao trabalho da terra muitos moços, cujo sonho é hoje entupir as administrações publicas ou particulares.»

A RENDA

A palavra *renda* é empregada aqui no sentido de proventos que uma pessoa aufera da propriedade ou do capital, sem que exerça ella propria um trabalho. Assim, se eu possuo um terreno ou uma casa que alugo a outrem, se empresto meu dinheiro a alguém, mediante o pagamento de um rendimento ou juro, está claro que não recebo por isso um *salario*: obtenho uma *renda*. Convem indagar, entretanto, se tal *renda* é na verdade muito diversa do *salario*. Não é tal. Se empresto meu dinheiro, esse dinheiro vae ser um elemento que faz productivo o trabalho daquelle que m'o tomou emprestado. E' como se meu dinheiro fosse trabalhar, e dahi o dizer-se correntemente que o rendimento é o «salario do capital». Se dou uma casa para que alguém nella more, estou na

verdade prestando um serviço, e posso com justiça dizer que a renda ou aluguel que recebo é o salario da minha propriedade.

Não ha, pois, razão de se irritarem os pobres systematicamente contra os que têm propriedades ou capital. Ha, porém, essa razão se os proprietarios de casas, de terrenos ou de capitales abusam das necessidades do pobre, obrigando-o a pagar alugueis e juros excessivos. São casos de extorsão absolutamente immoral, semelhante á de um medico que, chamado a intervir em caso de absoluta urgencia, exigisse um despropósito, zombando da situação critica do enfermo. Para impedir casos dessa ordem, o governo intervem algumas vezes. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, temos visto o exemplo nas lei do inquilinato: os proprietarios de casas foram coagidos a não augmentar os alugueis senão em condições especialissimas, porque em certa época as majorações se tornaram escandalosas de iniquidade.

Quanto aos juros do dinheiro emprestado, é impossivel ao governo, em regra geral, impedir que os capitalistas abusem dos necessitados e pratiquem o que se chama a *agiotagem*, isto é, o emprestimo a juros elevadissimos. O que pode, e faz quasi sempre, é não permittir que os agiotas recebam os vencimentos dos funcionarios, mesmo quando autorizados por estes, e estabelecer a legalidade dos descontos e das consignações em folha de pagamento, em beneficio de sociedades que emprestem a juros modicos.

O agiota é considerado como verdadeiro explorador dos necessitados e sua profissão tida como indigna, immoral. Quereis saber o que é a *agiotagem*? Dar-vos-ei um exemplo. Um pobre empregado de uma repartição do governo acha-se em difficuldades: molestia em pessoa da familia, atrazo de pagamentos, etc. Seus fornecedores cansaram de esperar e estão a exigir-lhe dinheiro. Se não pagar o aluguel da casa, será posto na rua. Recorre ás sociedades que emprestam a juro baixo, mas os negocios destas têm tambem limite. Exgottado este recurso, vae ao agiota. Este, então, como um abutre, segura nas garras o miseravel, que difficilmente, depois, se livrará. Precisa de quinhentos mil reis? Pois

bem, mas pagará sete por cento (ás vezes oito, nove, dez!) ao mez. Aceita? Tem de assignar um documento, com fiadores e garantes. O juro, desconta-o logo, préviamente. Sete por cento, em 500\$000, são 35\$000, o desgraçado recebe apenas 465\$000. Se dentro de um mez não pagar, o credor irá requerer ao juiz a penhora dos bens, que são em geral apenas os moveis de sua pobre casa. Mas talvez não o faça... Preferirá então que o devedor reforme o documento de divida. Pague então o juro de mais um mez... Assim, cem mil reis em prestados poderão dar ao fim de um anno, de prorrogação em prorrogação, mais de oitenta mil reis de juros... e o pobre continuará a dever os mesmos cem mil reis!! Quantos pobres desgraçados assim ficam encalacrados a vida inteira!

A PREVIDENCIA

Para não cahir nunca em mãos do agiota, para poder fazer face á adversidade, que ha de fazer o trabalhador? Cultivar a virtude da previdencia, isto é, economizar regularmente o que puder. Mas como economizar? Encatuando o dinheiro? Não, não ha dinheiro menos protegido do que o dinheiro escondido.

Temos os bancos e as caixas economicas. São institutos que recebem o nosso dinheiro, seja pouco ou seja muito, e nos pagam um juro modico. A taxa de juros é em geral de 4, 4 1/2, 5 ou 6% ao anno. É pouco, mas seguro.

Um dos melhores habitos que pode adquirir o trabalhador é o da economia intelligente. Todos os mezes levar á caixa economica ou ao banco uma pequena parcella do que recebe, de seu salario. Supponhamos que abre uma «cadermeta» com 100\$000. Ao fim de um anno, se a taxa fôr 5%, esses 100\$000, estarão augmentados de 5\$000. Durante o segundo anno, terá, 105\$000 a render juros, e assim por diante. Mas todos os mezes, deposite o que puder, migalha que seja, irá crescendo o capital e irão crescendo os juros.

Um dia, vem a necessidade: a molestia, o desastre, o desemprego. Ou

então uma opportunidade que se lhe offerece de comprar uma casita ou o terreno em que a possa construir. Vae ao banco, ou á caixa economica, buscar o que é seu. Retira o de que necessita. Não passou pelo vexame de pedir quando precisou, não perdeu a opportunidade.

Donde vem, porém, esse rendimento que os bancos podem pagar? Facilmente comprehendereis que não ha nenhum mysterio: o banco «emprega» em negocios bons, rendosos e seguros o dinheiro que lhe entregamos. Supponhamos, por exemplo, que o empresta a 10% ao anno; paga-nos 5%, ganha ainda uma transacção.

Mas o banco pode empregar mal o dinheiro... Raramente isso acontece. Demais, se tendes medo do banco, com seus negocios, levae o vosso dinheiro ás caixas economicas. No Brasil, as caixas economicas recolhem o dinheiro aos cofres do proprio governo, que lhes paga um juro maior do que o que ellas attribuem aos depositantes. Tereis medo tambem de que o governo do Brasil um dia não possa pagar as suas dividas? Isto é um absurdo. Se por desgraça um dia o Brasil, vencido em guerras, perder a independencia, se o nome do paiz fôr apagado das nações livres, de nada por certo vos servirá o dinheiro, porque antes de cobral-o dareis mais do que todos os bens materias, immolando a vossa vida. Se outro povo roubasse os nossos thesouros, destruisse o nosso governo, que bom ou mau, censurado ou louvado, é o governo nacional, não haveria um só brasileiro a cobrar o dinheiro emprestado á nação. Teriam morrido todos na defesa da liberdade da Patria. O ultimo soldado haveria estrangulado a ultima creança para que ninguem sobrevivesse ao sosobro nacional. Mas isto é um pesadelo sem sentido, em que nem devemos cogitar.

O CONSUMO

A riqueza produzida destina-se a ser consumida. Consumir as riquezas é fazer dellas uso, ou empregal-as, para satisfação directa das necessidades. O consumo é, pois, o fim da riqueza, podendo-se dizer que o homem produz

para viver. Notae, porém, muito bem que o consumo, no sentido em que estamos empregando a palavra, não quer dizer destruição, pois essa se entende que é com prejuizo do homem.

Todo homem é ao mesmo tempo um productor e um consumidor. Produz umas utilidades, consome outras. Reparae um instante em qualquer trabalhador: produz por exemplo sapatos e consome não apenas sapatos, mas generos de alimentação, artigos de vestuario, etc.

Quando em um paiz ha equilibrio entre a producção e o consumo, bem vão as coisas. Mas esse equilibrio é algumas vezes perturbado temporariamente, occorrendo então aquillo a que se dá o nome de *crises*. As crises podem referir-se especialmente á producção, ao consumo, á circulação das riquezas. A producção pode variar augmentando, ou diminuindo e do mesmo modo o consumo. As causas que augmentam a producção podem ser muitas. Basta que nos lembremos das invenções industriaes. As machinas de coser fazem, em um mesmo tempo, uma quantidade de

trabalho muito maior do que a que se poderia obter pelo mero trabalho manual. Entre as causas que ordinariamente fazem variar muito o consumo podemos citar as guerras e revoluções. Um povo ás voltas com a guerra consome brutalmente certos artigos e é obrigado a privar-se de outros. Na vida de todos os dias podeis observar a variação do consumo com a moda. Em certa época, é moda usar mantilha ou chale: eis um consumo enorme de chales e mantilhas. Passa de moda o uso dos guarda-chuvas, todos adherem ao emprego quasi exclusivo dos impermeaveis...

Cada um de nós deve estar attento a que na vida propria o consumo não exceda á producção, o que vem a ser o mesmo que a despesa não exceder á receita, pois o que recebemos é exactamente o que mede a nossa producção. Se não houver equilibrio, estaremos em *crise*, situação por certo bem desagradavel, na maioria dos casos.

OTHELLO REIS.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

O Carnaval antigo

Vocês todos gostam do Carnaval e ficam muito contentes quando começam as primeiras batalhas de confetti, que annunciam a approximação da grande festa annual, que dura tres dias.

Qualquer de vocês sabe muito do que consta esta folia: ha o corso de automoveis, o jogo de serpentinas, de confetti, muita gente a pé, que se junta nas ruas da cidade, principalmente na Avenida Rio Branco, jogando lança-perfumes e participando da grande alegria, que reina, emquanto duram os festejos.

Poucos são os mascarados. Nos clubs e casas de familia, ha grandes bailes á fantasia, onde cada pessoa procura

se apresentar mais interessantemente fantasiada.

Na terça feira gorda, como chamam ao ultimo dia de Carnaval, saem á rua os tres grandes clubs, com carros bonitos, puxados por animaes garridamente enfeitados e montados por homens e mulheres que trajam roupagens vistosas e que vêm precedidos de bandas de musica.

Tudo isto vocês conhecem bem, mas, no que ainda, certamente, não pensaram é que o Carnaval, como todas as festas populares, tem mudado muito de aspecto. Antigamente, o numero dos mascarados que andavam pelas ruas a fazer graças ou em visita ás casas das familias conhecidas para passar *trotos*, era muito maior. Quasi toda a população se fantasiava e, então, era de verem-se pelas

ruas — os diabinhos, muito vermelhos, mettendo medo ás crianças e ameaçando-as de bater-lhes com a cauda longa; os *princezes* com os grandes bastões; os cabeças de velhos que dansavam; as bahianas, com mascaras de arame, collo e braços circumdados de innumeradas voltas de collares dourados, prateados e de côres, com um balaio á cabeça, tambem dansavam; a morte toda de preto, com mascara de caveira, annunciava a sua approximação com um toque de campainha, aterrorizando não só os pequeninos como muita gente grande; havia ainda o Pae João, maltrapilho e fazendo a limpeza das ruas por onde passava; o Bebê-chorão, com a ponta da camisa a mostra e sempre a pedir a mammadeira; o Dr. Burro, que percorria a cidade, de livro em punho, tentando mostrar sabedoria; e muitos outros que não acabaria de citar.

Ao lado de tudo isto, havia os cordões, substituidos hoje, pelos ranchos dos quaes eram muito differentes: — annunciavam-se pelo Zé-Pereira, ouvido ao longe, e pela cohorte de indios enfeitados de pennas de muitas côres, em torno da cintura e da cabeça, e que dansavam á frente do grupo, de apito á boca.

Mas o que mais prazer causava aos carnavalescos d'aquelle tempo era o entrudo. Sabem vocês o que era o entrudo? Imaginem que ia uma pessoa visitar um amigo e, ao chegar, era logo atirado dentro de uma tina cheia d'agua; outras vezes passava pela rua e recebia sobre a cabeça uma bacia dagua entornada, sem falar nos chamados limões de cheiro, feitos de cêra e cheios dagua perfumada, que eram atirados com alguma força sobre a pessoa para que rebentassem, encharcando-a com o seu conteúdo.

Mais tarde appareceram as bisnagas, feitas de folha, ou de borracha, com as formas mais variadas e que eram cheias tambem de agua perfumada.

Como vocês podem imaginar não eram pequenos os inconvenientes que resultavam do entrudo e não foram poucas as pessoas que morreram em consequencia de molestia adquirida por causa d'elle; por isso o governo tomou providencias, prohibindo-o terminantemente, sendo hoje, permittido, apenas, o lançamento de perfumes, de resultado menos perigoso.

ESTEPHANIA MALLET SOARES F. LHA.

GEOGRAPHIA

Principaes especies da flora do Brasil

Nos grupos de vegetaes de organização elementar, Thallophytos e Muscineos, possuímos grande numero de especies, mas estas são em geral cosmopolitas. Além disto só raramente possuem nomes vulgares, sendo mal destinadas pelo povo. Dispensamo-nos, pois, de indicial-as em trabalho da alçada do nosso.

Entre os *Cryptógamos vasculares* merecem ser citadas as samambaias, o feto macho do Brasil, e as capillares ou avencas. São plantas de que ha enorme variedade em nosso paiz, principalmente avencas e samambaias, utilizadas para adorno.

Dos *Phanerógamos gymnospermas* devemos referir particularmente a familia das *Pinaceas* ou *Coníferas*, grande pelo numero de especies, cerca de 300, que abrange. O Brasil é, porém, pobre de pinaceas, pois só possuímos o pinheiro do Paraná, ou pinheiro do Brasil, tambem vulgarmente conhecido pelo seu nome scientifico de *araucária*. Dá um fructo feculento saboroso, o pinhão, e boa madeira. É abundante na região mais meridional do paiz.

Dos *Phanerógamos angiospermas* numerosissimas são as familias que possuímos, as quaes vamos percorrer a seguir, enumerando apenas as especies mais conhecidas de cada uma.

Gramineas—Nesta enorme familia possuímos, entre as plantas alimentares, o milho, o arroz, o trigo, a canna de assucar, a aveia, a cevada, o centeio, o painço ou milho miúdo, o sorgo, etc. Entre as forrageiras, o capim (diversas variedades), a grama de jardim, etc. Proprios para a medicina, o sapé, a grama, a graminha, etc. A esta familia pertencem ainda os bambús e taquaras, de que possuímos numerosas variedades. Enorme a utilidade de quasi todas as especies na vida corrente. Basta considerar o milho e a canna. O primeiro fornece-nos os grãos, cujas propriedades alimenticias, tanto para o homem como para o gado e para as aves

—CASA CIRIO—

Grande sortimento de artigos dentarios

Perfumaria e cutilaria
finas

Importação directa dos Estados Unidos e Europa

Julio Berto Cirio & Cia.

RUA DO OUVIDOR, 183

Telephone N. 1317 Norte—Caixa Postal n. 15

END. TELEG. CIRIO

RIO DE JANEIRO

Escarradeira HYGÉA

PATENTE Nº 14698

LIMPEZA AUTOMÁTICA

“A MAIOR CONTRIBUIÇÃO PARA O COMBATE
A’ TUBERCULOSE”

VANTAGENS DA ESCARRADEIRA HYGÉA

E’ Approvada e Usada pelo D. N. de Saude Publica



Limpeza automa-
tica, assegurada por
um jacto d’agua
aberto por um pe-
dal, no momento em
que os dispositivos
levantam a tampa
do vaso.



Desague da agua
e seus aggregativos
para a rede do es-
goto, logo que os
mecanismos caem no
vazio.

etc d’agua, logo que
a tampa se fecha com
instalação sim-
ples, qualquer bom-
beiro a fazer em meia
hora.

A’ VENDA EM TODAS AS CASAS DE CIRURGIA,
FERRAGENS E ARTIGOS SANITARIOS
J. GOULART MACHADO & CIA. LTDA.
Rua Affonso Cavalcanti n. 174 — Rio.

INVESTIGES

PIEIDA DADOS

PAULO MARIANI

(Inspector Escolar)

A’ venda nesta redacção e na Livrarias
PREÇO 6\$000

Elixir
de

INHAME



Impurezas do sangue,
molestias da pelle,
syphilis adquirida
ou hereditaria.

DE PURA - FORTALECE - ENGORDA

*Tão saboroso como qualquer
licor de mesa*

Lic. em 17-10-814 SOB o N° 255

Chocolate e café só

ANDALUZA

Rio de Janeiro

Fabrica

RUA DOS ANDRADAS

Lingua Patria

Acaba de sair dos prelos a 2ª edição do Segundo e Terceiro livros de Lingua Patria, pelo Prof. A. Joviano.

Preço de cada exemplar 5\$000 — A' venda na Livraria Francisco Alves e suas filiaes.



Deve ser usado por todas as crianças
Pedidos: DESERBELLES — Carmo, 55
Telephone Central 1706

PARNASO INFANTIL

DE
OSORIO DUQUE ESTRADA

(DA ACADEMIA DE LETRAS e PR)

A' venda nas principaes livra as

domesticas, são bem sabidas; os estigmas têm applicação medicinal, e o proprio sabugo da espiga ainda se mistura á forragem do gado. A canna, além de servir para a fabricação do assucar e do alcool, é ainda, pelo bagaço, boa forragem, e tambem fonte de cellulose e para fabricação do papel.

Nymphaeaceas—A estas pertencem os nenuphars, as nymphéas, e principalmente a bellissima *Victoria regia*, cujas folhas e flores são enormes.

Cyperaceas—Possuimos o jaçapé, o capim de cheiro, a cyperacea das dunas, a trança de esteira, a tiririca dos diamantes, etc.

Palmeiras—Abundantissima e variada esta familia, de que só se podem citar as especies mais vulgares: o coco da Bahia, o assahi, o dendê, a carnaúba, a macaúba ou coco de catarrho, o iri, o tucum, a piassaba, a pindoba, a miriti, a buriti, a pupunha, a anajá, a guabioba, o carandá, o babassú, a palmeira real, etc. São umas especies notaveis pelas fibras que fornecem, outras pela madeira, outras pelas sementes ou cocos saborosos e ricos de oleos. Merece particular referencia a carnaúba, que dá madeira, resina, coco comestivel, palha, e principalmente a cera vegetal. Numerosas palmeiras fornecem o saboroso palmito. Como arvore de ornato para ruas, convem lembrar a palmeira real.

Araceas—Plantas alimentares desta familia, nativas ou exóticas, existentes no Brasil: taioba, mangaritos, inhames, brêdo. Fornece boa fibra a aninga. De adorno: os tinhorões e a banana do brejo.

Liliaceas—Alimentares e condimentares: alho, cebola, aspargo, cebolinha das hortas. Medicamentosas: as salsaparilhas e japecangas, e a babosa. De ornato: coqueiro de Venus ou drocena, açucena branca, copo de leite, tulipa, etc.

Commelinaceas—As trapoeirabas, applicadas como medicamento.

Alismaceas—O chapéo de couro, de cujas folhas se faz um chá medicinal.

Iridaceas—Possuimos entre as plantas floríferas de ornato varias especies de lirio e a palma de Santa Rita; entre as medicinaes, o rhuibarbo.

Amaryllidaceas—Destas, temos a piteira e a ágave, que fornecem fibras texteis.

Dioscoreaceas—As principaes são os nutritivos carás, de que existem muitas especies e variedades.

Bromeliaceas—A macambira e o croatá possuem rhizomas alimenticias e servem para fins medicinaes. Apreciadissimos são tambem seus fructos, como os do abacaxi e do ananaz. Muitas bromelias fornecem boas fibras texteis.

Musaceas—A esta familia pertencem as numerosas especies e variedades de bananeiras, cujo fructo é tão apreciado. Fornecem tambem as bananeiras boa fibra, denominada canhamo de Manilha.

Orchidaceas. — Cerca de 1.600 especies de orchideas se encontram no Brasil, sendo umas 500 verdadeiramente decorativas. As mais conhecidas são as laelias e as cattleyas. Uma orchidea importantissima, não pela belleza da flor, mas pelo valor commercial da fava que produz, é a baunilha.

Olacaceas. — O limão do matto.

Juglandaceas. — A nogueira, planta exótica que se acclimou perfeitamente em alguns logares, sobretudo em S. Paulo.

Piperaceas. — Nesta familia possuimos numerosas especies empregadas em medicina: jaborandi, pariparoba, aperta-ruão verdadeiro, etc.

Chenopodiaceas. — Entre as alimentares: beterraba, espinafre verdadeiro, etc. Entre as medicinaes, a herba de Santa Maria, denominada mastruço no Norte.

Amarantaceas. — A araruta.

Phytolaccaceas. — O verdadeiro pão d'alho, que fornece boa madeira.

Aizoaceas. — Entre as alimentares temos o espinafre indigena.

Proteaceas. — O carvalho branco ou carvalho brasileiro, optimo pela madeira.

Urticaceas. — A ortiga, o assa-peixe, o punú-mirim e o ortigão.

Moraceas. — Entre as plantas fructíferas, a figueira, a jaqueira, a amoreira, a fructa-pão, etc. Entre as arvores de boa madeira, a muirapinima, a gameleira, etc. Pertencem tambem a esta familia o pão-vacca ou sorveira, as em-

baúbas ou umbaúbas, olupulo e o canhamo.

Chloranthaceas. — O denominado chá de soldado, succedaneo do mate.

Menispermaceas. — A uva do matto e as varias especies de abútua, que produzem fructos apreciados.

Lauraceas. — Entre as fructeiras, citemos o abacateiro, de que tambem se usam as folhas para fins medicinaes. Entre as madeiras : as canellas, os louros, o cravo do matto, o tapinhoan, o páo-rosa, etc.

Anonaceas. — A fructa de conde, a ata, a condessa, a cheirimolia, a pinha ou coração de boi, a anona, o ariticum do brejo, todas muito semelhantes pelo aspecto e pelo sabor, são fructos de plantas desta familia.

Euphorbiaceas. — Alimentares são as mandiocas, uma de cujas variedades é o conhecidissimo aipim. A esta familia pertencem ainda as seringueiras e as maniçobas, que nos dão a borracha; o ricino ou mamona, que produz finissimo oleo, empregado para fins medicinaes e como lubrificante; o velame do campo, a caixeta, o andá-assú, o assacú, o pinhão de purga e outras, que são especies medicinaes.

Malvaceas. — Alimentares : o quibo ou quingobô, etc. Texteis : o algodoeiro, que tambem dá um oleo muito util, extrahido das sementes; as guaximas, a vassourinha, a malva cheirosa, o mimo de Venus, o algodoeiro da praia, etc.

Bombacaceas. — A sumaúma, a monguba, a balsa, o imbirussú, etc. que são boas madeiras; a castanha do Maranhão, fructo muito apreciado.

Sterculiaceas. — Fructeira : o cupuassú. Fornecedores de amendoas comestiveis : o mendubi de páo e os caqueiros. Madeiras : mutamba e cupuassú.

Bixaceas. — O conhecido urucú, usado para dar côr ás comidas.

Anacardiaceas. — Fornecem fructos comestiveis saborosos : as mangueiras, os cajueiros, os cajazeiros e o umbuzeiro. Madeiras : aroeiras, aderno, Gonçalo Alves, cajú gigante, cajá-mirim, e quebracho-vermelho. As cascas das anacardiaceas são tanníferas, dis-

tinguindo-se sob este ponto de vista o quebracho vermelho.

Sapindaceas. — O guaraná, de cujas sementes se faz uma bebida, empregada no Pará, Amazonas e Matto Grosso; fornece um alcaloide importante, usado em medicina, e as proprias sementes têm virtudes tonicas.

Meliaceas. — Madeiras notaveis : cedros, andiroba, cinnamomo, camboatá ou carrapeteira, cangerana.

Malpighiaceas. — Os muricis, que dão fructo apreciadissimo no Norte.

Rutaceas. — Arvores fructíferas : as laranjeiras, cidreiras, mexeriqueiras, turanjeiras, limeiras, limoeiros. Madeiras : acapú, páo marfim, chupa-ferro ou quebra-machado, etc. Medicinaes : o jaborandi verdadeiro, etc.

Simarubaceas. — Madeiras : quina ou quassia, páo parahiba, camboatá (outro), calunga, simaruba, etc. As cascas das simarubaceas têm grande applicação medicinal.

Leguminosas. — E' esta uma das familias mais consideraveis, pois conta cerca de 7.000 especies, a maioria das quaes se encontram no Brasil, nativas ou cultivadas.

Entre as plantas alimentares merecem referencia o feijão, de que ha numerosas variedades, o guando, o grão de bico, as ervilhas, as favas, a lentilha; o jacatupé, de que se comem as raizes tuberosas; o amendoim, etc. Um oleo aromatico comestivel é fornecido pelas sementes do cumarú.

Fructíferas são o tamarindeiro, o ingazeiro, o jatobá, etc.

Forageiras, os carrapichos em geral, o barbadinho, o feijão de boi, os amores de campo sujo, os amores de vaqueiro, etc.

Especies lenhosas de boa qualidade são o páo brasil, os jacarandás, os angelins, a braúna ou baraúna, o cumurú, o monjolo, o vinhatico, a sucupira, o páo pereira, o jatobá, o guarabú, o oleo vermelho, o oleo pardo, a copahiba, o araribá, o páo-rainha, o pequiá, a jurema, o páo-rosa, o páo campeche, a imburana, a unha de gato, os angicos, os ingazeiros, etc.

Empregadas em medicina são muitas especies : senne, fedegoso, canna fistula, sensitiva ou malicia de mulher, bar-

batimão, jatobá, unha de vacca, ratanhia do Brasil, copahiba, etc.

Proprios para diversas applicações industriaes, citaremos o páo brasil, o guarabú, a anileira, a mocuna e o campeche, que fornecem tintas; as acacias, que produzem resina; o barbatimão, que é o melhor tannante que se conhece.

Rosaceas. — Entre as que dão boa madeira citaremos a oiticica e o coração negro. Entre as fructeiras, as arvores que nos dão o pecego, a nectarina ou pecego liso, o damasco, a ameixa preta, a cereja, o oiti (uma das plantas deste nome, a que se usa na arborização de ruas e praças), a amora silvestre, a ameixa amarela, o marmelo, a pera, a maçã, e as plantas herbaceas que dão os morangos e as framboesas.

Vitaceas. — Possuimos varias especies de vinha. As uvas são parte consumidas em natureza e parte utilizadas para fabricação de vinhos.

Basellaceas. — A nutritiva berta-lha.

Passifloraceas. — Os maracujás de varias especies.

Cactaceas. — Os cactos, a figueira da India, etc.

Myrtaceas. — São principalmente arvores fructíferas: jaboticaba, grumixama, pitomba, pitanga, uvalha do campo, guabiroba (não confundir com a palmeira do mesmo nome), goiaba, aracá, cambuci, oiti (uma das duas plantas deste nome), cambucá, guaporanga, pitanga de cachorro, cabelluda, jambo, jambolão, romã, etc.

Lythraceas. — O páo-rosa ou Sebastião de Arruda.

Combretaceas. — A amendoeira.

Caricaceas. — O mamão.

Cucurbitaceas. — Muitas são as alimentares: abobora, moranga, abobora d'agua, maxixe, pepino, chuchú, etc. Fructas saborosas, a melancia e o melão. Medicinaes, a fructa de gentio ou purga de Caiapó, a purga de caboclo, purga de cipó, taiuiá, bucha falsa, fava de Santo Ignacio, melão de São Caetano, jatobá verdadeiro, etc. A bucha, quando nova, é tambem comestivel (o fructo); depois de secca, serve para esfregões e está sendo usado para substituir, no banho, as esponjas.

Icacinaceas. — O umari, que dá um

fructo comestivel; a congonha, cujas folhas substituem o mate; a congonhinha do campo.

Umbelliferas. — Alimentares: cenoura, aipo, seseli, mandioquinha salsa, etc. Condimentares: salsa, herva doce, funcho, coentro. Medicinaes: herva-capitão, cicuta.

Solanaceas. — Alimentares: batata ingleza, tomate, giló, pimentão, beringela. Condimentares, as numerosas especies de pimentas. Fructíferas, o juá, o camapú, a fructa de lobo, etc. Medicinaes, a belladona, a figueira do inferno ou estramonio, a herva tostão, o juá, a dulcamara, a jurubeba, o velame do matto, a herva-moura, o manacá, etc. E' tambem uma solanacea o tabaco ou fumo.

Convolvulaceas. — A batata doce, de que existem muitas variedades.

Borraginaceas. — Temos nesta familia varias madeiras, taes o capitão do campo, o porangaba, a jangada do campo ou carrapiá, etc.; algumas especies medicinaes, como o proprio porangaba, cujas folhas constituem o chá de bugre, e mais o chá mineiro, a borragem, etc.

Illicaceas. — Nesta familia possuimos o mate e a congonha do campo.

Apocynaceas. — A mangabeira, que dá um fructo saborosissimo, e cujo latex fornece borracha de segunda ordem; as perobas, optimas madeiras, de que ha muitas especies; varias especies medicinaes, como a jalapa, o velame verdadeiro, a agoniada, etc.

Labiadas. — Nesta familia possuimos muitas plantas herbaceas, umas condimentares e outras medicinaes: hortelã commum, hortelã-pimenta, alfavaca, tomilho, poejo, rosmarinho, mangerona, mangerião, melissa, etc.

Bignoniaceas. — As bellas madeiras que são os variadissimos ipés (incluida entre elles a peúva); e as plantas medicinaes denominadas caroba, carobinha, cabaceira, etc.

Verbenaceas. — As fructeiras denominadas Maria preta e tarumã, e as plantas medicinaes cambará, herva cidreira, gervão, etc.

Sapotaceas. — Fructas: abio, guapeva, sapota, sapoti, etc. Madeiras: massarandubas, burânhem, etc. A balata ou gutta-percha é fornecida por varias espe-

cies indigenas desta familia, principalmente pela balata e pelas massarandubas.

Rubiaceas. — Fructas: genipapo, marmelada do campo, etc. Madeira, produz optima o mesmo genipapo. Florifera, é o jasmin do Cabo. Medicinaes, as poaias, diversas quinas, etc. Mas a mais notavel rubiacea que possuímos é o café, principal base da riqueza do paiz.

Compósitas. — Alimentares: alface, almeirão, chicórea, serralha, alcachofra, etc. Madeira é fornecida pela candeia. Medicinaes são a vassourinha, a herba santa, as carquejas, o alecrim do matto, o fumo bravo ou herba do collegio, a herba de S. João, o guaco, o cipó cabeludo, a grindelia, a bardana, o picão, varias especies de arnica, a losna, o malmequer, a propria chicórea, etc. Pertencem tambem a esta familia a dahlia, o girasol, a rosa de Jericó verdadeira.

Oxalidaceas. — A carambola, fructa muito apreciada.

Erythroxylaceas. — A coca, o mercurio do campo, a catuaba, todas medicinaes.

Zygophyllaceas. — O páo santo, optima madeira.

Cruciferas. — Alimentares: nabo, nabiça, couves, repolhos, couve-flor, couve-nabo, repolho crespo, rábano, rabanete, agrião, mostardas, etc. Têm applicação medicinal o mastruço (do Sul), a rosa de Jericó falsa ou rediviva, e os mesmos agrião, rábano e mostarda acima referidos.

Clusiaceas. — O bacopari, o mangostão e o abricó do Pará, fructos saborosissimos.

Rhizophoraceas. — O mangue, que é altamente tannifero.

Lecythidaceas. — O castanheiro do Pará, cujas sementes têm enorme emprego industrial; a sapucaia, que também dá sementes saborosas. Madeiras, fornecem o proprio castanheiro, a sapucaia, os jequitibás. As cascas dos jequitibás são empregadas para fins medicinaes.

Caryocaraceas. — O piquiseiro, que dá uma amendoa saborosa; varias especies denominadas pequiás, etc.

OTHELLO REIS.

LINGUA MATERNA

1º e 2º ANNOS

Para recitação e exercicio de vocabulario

Zumbindo, alegres, giravam
Abelhazinhas doiradas
Por sobre as flores mimosas
Ha pouco desabrochadas.

O sol a jorros banhava
As petalas de flores mil:
Os junquinhos, as begonias,
O geranio tão gentil.

O malmequer mui travesso,
De orvalho todo irisado,
Vibrou no ar taes perfumes,
Que attrahiu o bando ousado.

Entrou a chusma festiva
No seio da linda flor,
Levou dali todo o pollen
E do nectario o dulçor.

NOTA — Além da lição de linguagem, faça o professor interpretar por seus alumnos, no desenho, a scena descripta nesta pequena composição e desenvolva os ensinamentos de economia, de trabalho e de moral que ella suggere e a classe comporta.

Sentenças para exercicio de vocabulario no quadro negro e interpretação da idéa no desenho.

Alice acorda sempre cedo e vae regar sua linda roseira no jardim.

O sol aquece as plantas e duas borboletas adejam sobre as flores.

A menina vê dois gaturamos poucados no galho da romanzeira.

3º anno

Carta a uma senhora offerecendo-lhe os primeiros rabanetes que obtivestes de vossa pequena plantação.

Tratamento de senhora, 3ª pessoa do singular.

Direcção.—Falae das sementinhas que pedistes ao papae e do trabalho que tivestes em arranjar o canteiro misturando terra preta e vermelha no pequeno trecho do quintal batido de sol, que

a mamãe vos cedeu. Referi-vos aos cuidados da rega que dispensastes á plantaõzinha desde o dia da sementeira e como, durante dois mēses assististes zelosamente ao natural desenvolvimento de vossas plantinhas, pensando sempre nas lições de vossa mestra que vos recommenda actividade proveitosa e não se cansa de dizer que, mesmo brincando, podeis prestar bons serviços a vós mesmos e aos que vivem convosco. Nas lições de hygiene tem ella dito muitas vezes que vossa alimentação deve constar. não somente de carne, porém muito mais de legumes e por isso vos lembastes de cultivar os rabanetes. Sentistes immensa alegria ao vê-los apparecer vermelhinhos sobre a terra, junto á folhagem. Já fizestes o desenho colorido do maior que obtivestes e agóra desejaes que vossa amiga experimente em salada appetitosa essa boa porção de rabanetes fresquinhos que lhe offereceis.

4º anno

Escrever nas pessôas correspondentes do plural o verbo das seguintes sentenças, alterando convenientemente os outros elementos.

A ultima prova de cultura physica foi excellente. O bom estudante obteve a melhor nota. O lapis não está riscando bem. A mãe é extremosa. Procede bem e não pense na recompensa. Viste os lindos desenhos de Alice? A agua do rio corre para o mar. Acorda cedo e gosa-rás saúde. A criança virtuosa não mente. O lirio desabrochou durante a noite e perfumou todo o valle. Faço meu trabalho com enthusiasmo. Plantei minha sementinha e cultivarei a planta com cuidado. Estaquei a roseira por causa da ventania.

Substituir as seguintes expressões por outras synonymas ou equivalentes:
 Urna de aroma suave—Antigos resentimentos—Jardim abandonado—Graça peregrina—Perante sua humildade—Louvar o merito—Disputar grandezas—Vassallo atrevido—Punir o delicto—Afeição immortal—Festa de nupcias—Vencer na porfia—Estultice de crian-

ça—Obrigado a escutar—Cavalheiros delicados—Arrefecer a alegria—Disputas insanas—Carecer de licença—Ficar calada—Fecunda natureza—Enfadonhas questões—Transformar a terra em luz.

5.º 6.º e 7.º annos

Desenvolver o seguinte esboço de lenda:

A mandioca

Nascera entre os selvagens linda menina muito alva, olhos azues e cabellos louros. Chamaram-na Mani. Sua maravilhosa belleza provocara a admiração da gente de sua tribu. A fama de seus encantos correu a selva inteira. Morre essa criança ainda no verdor dos annos.

Consternação. Enterram-na em sitio ameno.

Descobrem os selvagens uma planta estranha em sua cova produzindo enorme raiz a que chamam—manioca para significar—casa de Mani. Com as alterações que as palavras soffrem no correr dos tempos, intercalou-se-lhe um—d—e manioca transformou-se em—mandioca, nome que conhecemos hoje tanto quanto a planta. Comendo a raiz, os selvagens embriagaram-se, mas depois aprenderam a tratá-la de outro modo e descobriram seu enorme emprego e utilidade.

Nota—Não perca o professor a oportunidade de referir-se á cultura e produção da mandioca e seus subproductos no Brasil, destacando os Estados de Bahia e Rio Grande do Sul que se avantajam nessa industria.

Carta a una menina justificando vossa predilecção pelo estudo da lingua materna.

Tratamento de você.

Direcção — Sempre vos recommenda a professora muita dedicação ao estudo do idioma nacional, fazendo-vos comprehender que nenhum outro dispõe de tanta sonoridade e harmonia na propria constituição dos vocabulos e

assim mais do que qualquer outro pode elle traduzir com fidelidade de expressão os sentimentos da alma e até mesmo as fantasias da imaginação. Sendo este o idioma que falaram vossos antepassados, sendo nessa lingua que elles deram expressão a suas idéas e puderam definir todos os conhecimentos que vos legaram através do tempo, vós proprios sentis que é dever sagrado guardá-lo na sua pureza e estudá-lo com amor; e quanto mais o conhecerdes, mais encantos lhe descobrireis e por isso mesmo maior será vossa admiração por elle.

Quando vos lembraes que é esse idioma que falam vossos paes e vossos amigos, que é nessa lingua suavissima que cantaes vossos hymnos e canções, que ouvis as proveitosas lições de vossa mestra, que estão escriptos os bons livros que compulsaes todos os dias, que cantam os poetas as maravilhas de vossa terra, que ouvistes no berço e ouvis ainda as palavras cariciosas de vossa mãe; então se levanta em vós uma vontade forte de estudá-la cada vez mais para descobrires todos os seus segredos, toda a sua grandeza e poderdes defendê-la com segurança.

Assumpto para discussão — Os folguedos do carnaval e os da noite de S. João.

O carnaval é uma festa de excesso. Não se pode ehamar simplesmente alegria, mas sim delirio o que arrasta os individuos para os folguedos carnavalescos.

Todos parecem perder a sisudez e até mesmo o juizo, pois ninguem se lembra nem de zelar pela saúde, nem pelo dinheiro e, ultimamente é até preciso que a Policia defenda a vida do povo e o recato das familias. Os carnavalescos não pensam si não em gosar o mais que fôr possivel nos tres dias de carnaval e

gastam em automoveis, serpentinas, lança-perfumes, fantasias e *confettis* quantias enormes.

Muita gente economiza durante mêses para gastar loucamente no carnaval. Ha fantasias tão ricas, cortejos tão sumptuosos, que bastariam as sommas nelles empregadas para vestir e educar mais de mil crianças. E' verdade que na confecção das fantasias, no preparo das lança-perfumes, das serpentinas e *confettis*, e na organização dos prestitos trabalham operarios e artistas ha portanto desenvolvimento industrial, commercial e artistico; mas em compensação, quando o carnaval passa, fica a recorda-lo um triste rosario de canções que envenenam a alma das crianças e que gente sensata não poderá repetir.

Os folguedos da noite de São João guardam até hoje, tanto no interior como na capital do Brasil, a mesma poesia simples de outr'ora, a mesma feição característica de festa puramente familiar. No terreiro pontilhado de lanterninhas, a fogueira ergue para o céu as chamas crepitantes, illumina o mastro enfeitado e diverte a petizada na ingenua delicia de saltar sobre o braseiro, de assar batatas, canna e aipim, de soltar balões com o estoiro insolito de ronqueiras, foguetes e buscapés. No salão o altar do santo, illuminado e florido, reúne os moços e as meninas na doce alegria das sortes esperadas em anseios e sorrisos, dos fogos delicados de chispas imprevistas, da musica inspirada na religião do lar.

Os doces deliciosos, os confeitos e filhozes e os bolos de S. João constituem ainda parte importante da festa, porque, regalando-nos a vista o palladar, a mēsa da familia é logar sagrado em que se depuram virtudes e se assenta risonha a verdadeira felicidade.

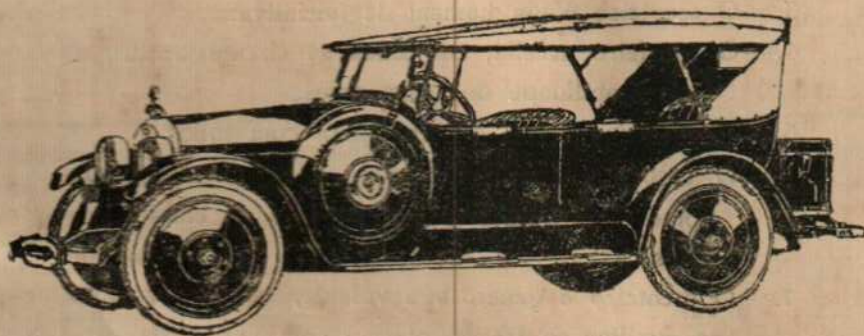
L. MENDES.

“NASH” o carro ideal

Notavel pela sua beleza, força, commodidade, duração e economia.

O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que oferece aos chauffeurs e particulares

VENDA A LONGO PRAZO



Os novos modelos dos carros NASH de 4 a 6 cylindros

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

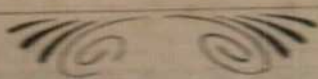
RUA BENEDICTINOS, 1 a 7

(Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO

CODIGO DO ESCOTEIRO

- 1.º—A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida.
- 2.º—O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.
- 3.º—O escoteiro é um homem de iniciativa.
- 4.º—O escoteiro acceta, em todas as circumstancias, a responsabilidade dos seus actos.
- 5.º—O escoteiro é leal e cortez para com todos.
- 6.º—O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociais.
- 7.º—O escoteiro é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida.
- 8.º—O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesto que seja.
- 9.º—O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda a crueldade contra elles.
- 10.º—O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.
- 11.º—O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.
- 12.º—O escoteiro tem a constante preocupação de sua dignidade e o respeito de si mesmo.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

FUNDADA EM 1895

Quadro demonstrativo do progresso nos ultimos cinco annos

RECEITA	Durante o anno que termina em		Augmento
	31 - 3 - 1921	31 - 3 - 1926	
Premios de seguros durante o anno			
Renda do capital durante o anno...	13.654:116\$542	39.154:219\$054	25.520:102\$512
Receita geral do anno.....	3.612:949\$185	8.619:210\$093	5.006:260\$908
	17.247:066\$727	47.773:429\$147	30.526:363\$420

Pagamentos aos seus segurados e beneficiarios nos ultimos cinco annos

Aos beneficiarios dos segurados fallecidos.....	40.726:610\$077	64.617:242\$618	23.890:632\$541
Em liquidação por vencimentos de apolices, resgates e dividendos	28.169:156\$410	49.978:086\$150	21.808:929\$740
Em lucros attribuidos a apolices vencidas.....	7.100:341\$462	11.893:487\$894	4.793:146\$432
Total pago aos segurados e beneficiarios.....	75.996:107\$949	126.488:816\$662	50.492:708\$713
Adeantamento aos segurados sob garantia de apolices emitidas pela Companhia..	7.409:752\$373	19.585:959\$384	12.175:907\$011
Seguros em vigor...	258.400:000\$000	777.050:328\$000	518.175:328\$000
Activo.....	53.324:673\$609	131.186:049\$891	77.861:376\$282
Novos contractos realizados no anno	72.118:000\$000	204.853:800\$000	132.735:800\$000

Se V. Ex. quer ficar livre de preoccupações de futuro recorre ás novas apolices de Seguros de Vida emitidas pela

“SUL AMERICA”

Peça informações aos agentes da Companhia na localidade de sua residencia, ou á

Séde Social: — Onvidor, esquina da Quitanda, ou á Agencia Metropolitana, Avenida Rio Branco, 157 - 159 — Rio de Janeiro

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 19

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$60
2º Livro de Leitura	1\$50
3º Livro de Leitura	2\$50

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
5º Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Practicas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$000
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$900
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO — Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA — Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis	3\$500
L. FERDINAND — Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil